

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

KAREN MACHADO RODRIGUES

**BIBLIOTECÁRIOS AUTÔNOMOS:
NOVAS PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO PARA O ACESSO À INFORMAÇÃO E
À LEITURA**

**Porto Alegre
2014**

KAREN MACHADO RODRIGUES

**BIBLIOTECÁRIOS AUTÔNOMOS:
NOVAS PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO PARA O ACESSO A INFORMAÇÃO E A
LEITURA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pelo Departamento de Ciências da Informação, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Lourdes da Silva Moro

Porto Alegre

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof. Dr. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-Diretor: Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof. Dr. Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Chefe-Substituto: Prof. Dr. Valdir Jose Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof. Dr. Samile Andréa de Souza Vanz

Vice-Coordenadora: Prof. MS. Gloria Isabel Sattamini Ferreira

R696r

Rodrigues, Karen Machado

Bibliotecários autônomos : novas práticas de mediação para o acesso à
informação e à leitura /

Karen Machado Rodrigues - Porto Alegre, 2014.

68f.

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio Grande
do Sul / Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação / Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, 2014.

Orientadora: Eliane Lourdes da Silva Moro

1. Mediação da Informação e da Leitura. 2. Bibliotecários Autônomos.
3. Competência Informacional. I. Moro, Eliane Lourdes da Silva.
II. Título.

CDU:

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Rua Ramiro Barcelos, 2705, Bairro Santana – Porto Alegre / RS
CEP: 90035-007
Telefone: (51) 3316-5067
E-mail: fabico@ufrgs.br

KAREN MACHADO RODRIGUES

Bibliotecários Autônomos:

novas práticas de mediação para o acesso a informação e a leitura

Trabalho de Conclusão de Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul submetido como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Moro

Examinada em 02 de julho de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Eliane Lourdes da Silva Moro (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Lizandra Brasil Estabel
Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Porto Alegre

Prof^a. Dr^a. Maria do Rocio Fontoura Teixeira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Bel. Cyntia Silva Wessfl CRB10/2212

*Para meus colegas bibliotecários, a fim de que se gere reflexão
sobre a questão: para quem serve o nosso conhecimen'*

AGRADECIMENTOS

É o início, é o fim, e o meio. Uso as palavras de Raul Seixas para definir como me sinto neste momento. Mas na real, não importa muito em qual fase do processo se está, as experiências passadas servem para guiar as ações do presente e do futuro, que é um ponto de interrogação. A única certeza que tenho é a de que não teria conseguido nunca chegar até aqui sozinha. É impossível ser feliz sozinho... já afirmava Tom Jobim.

Quero agradecer primeiramente a todo mundo que contribuiu para meu desenvolvimento profissional e que acreditou no meu potencial como futura bibliotecária e contadora de histórias. À minha orientadora, pela compreensão e carinho durante esse longo percurso, às vezes parecendo interminável, pelo apoio e por me dar um voto de confiança quando eu mais precisei.

Aos professores pelos quais passei na Universidade, e que juntos, cada um com sua contribuição positiva ou negativa, me ajudaram a construir a imagem do profissional que quero ser e que serei.

À família Ávila e seus maiores tesouros: Geórgia e André. Meus primeiros ouvintes de histórias, onde tudo começou e onde continua no meu coração.

Aos lugares em que estagiei e que me permitiram conhecer pessoas maravilhosas além de exercitar minha autonomia como futura profissional – o Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano que me trouxe a Rosângela Silva, uma amiga que levarei sempre no coração e a Cleci Grandi, que me proporcionou muitas oportunidades. À Biblioteca Pública Municipal Vianna Moog em São Leopoldo e sua equipe, principalmente a Daiane Andrade, profissional que admiro.

À Zanza, pelo simples fato de que somos amor da cabeça aos pés. Obrigada por ter voltado pra minha vida, pelos puxões de orelha, pelas risadas, pelos pitacos e por estar aqui, simples assim.

Aos amigos mais queridos de ontem, hoje e sempre quero agradecer por serem tão lindos e por deixarem minha vida tão linda pelo simples fato de estarem nela: Giana Lagranha, Dieison Siqueira, Tiago João, Thais Dornelles, Priscila Bert. Cris Duarte, Lorena Castillo, Ala Nuiza, Thais Pires, Katarina, Maria de Fátima, Cilon Tiago, Diego Salvi e outros que não cito aqui, mas nem por isso são menos importantes.

Aos meus alunos do Colégio Americano para quem dedico meus melhores sorrisos, brincadeiras e histórias – também luto por vocês e pelos seus futuros. À

equipe da biblioteca da escola, por me proporcionar companheirismo e o aprendizado do que é trabalhar em conjunto, principalmente: Rosane Ross, Édina Agliardi, Amanda Arruda, Natali Nascimento, Jessica Muller e Gabriela Ávila – todos os dias esse sentimento se renova.

E finalmente aos mais importantes de todo o processo: minha família. Meus pais Enio e Elisa que me inspiram, me desafiam, me instigam, me fortalecem e me apóiam mesmo não concordando com minhas decisões – são meu porto seguro. Aos meus irmãos Thais, Lisiane, Dada, Cláudio e Renato por me aceitarem como sou, por me fortalecerem e porque sei que posso contar para o que precisar – nossa ligação vai muito além do sangue, apesar de as piadas sobre vegetarianos já estarem sem graça. Aos meus filhos de coração Fabiano e Maria Julia, não foram gerados por mim, mas o sentimento é de como se fossem. À minha vó Maria, pelo chimarrão, pelas risadas, pelas lembranças compartilhadas e por me permitir amá-la. Vocês me permitem ter um lugar para “quem” voltar. Ao meu avô Octávio, que não está mais presente em matéria, mas se fecho os olhos o ouço me chamando de boneca. “El tiempo está después.”

Enfim, é por todos vocês e para vocês que buscarei ser a mudança que desejo ver.

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar.

- Paulo Freire

RESUMO

Identifica a diversidade de características que determinam o perfil dos bibliotecários mediadores da informação e da leitura atuantes no Rio Grande do Sul. Caracteriza a ação desses profissionais e analisa as principais características apresentadas pelos mesmos. Objetiva verificar como ocorre a atuação de profissionais bibliotecários sem vínculo institucional público ou privado no desenvolvimento de ações autônomas como mediadores da informação e de leitura. Aborda aspectos da mediação da informação e da leitura no contexto da Biblioteconomia e de seus profissionais. Busca definir o papel do profissional bibliotecário na atualidade e as competências informacionais relacionadas à profissão. O estudo teve abordagem qualitativa, com o intuito de compreender o fenômeno dentro de um contexto. Utiliza como instrumento de coleta a entrevista semi-estruturada e a observação livre. Descreve através dos depoimentos de cinco bibliotecários um breve perfil dos projetos e ações em que cada um dos sujeitos pesquisados está inserido. Conjetura a respeito da motivação de cada um deles para a busca de autonomia e o quanto a formação acadêmica contribuiu ou não para a efetiva realização de seus projetos. Afirma que o bibliotecário como mediador possui potencial transformador, e, somente através de ações como as abordadas no estudo e diversos outros processos possíveis são capazes de gerar conhecimento e a consciência crítica para auxiliar na construção de cidadãos plenos de seus direitos e capazes de gerar efetivas mudanças em nossa sociedade.

Palavras-chave: Mediação da Informação e da Leitura. Bibliotecários Autônomos. Competência Informacional.

RESUMEN

Identifica la diversidad de características que determinan el perfil de bibliotecarios mediadores de la información y la lectura activa en Rio Grande do Sul caracteriza la acción de estos profesionales y se examinan las principales características presentadas por ellos. Tiene como objetivo verificar el cumplimiento de los bibliotecarios y sin vínculo institucional pública o privada en el desarrollo de acciones autónomas como ocurre mediadores de la información y la lectura. Discute aspectos de la información y la mediación de lectura en el contexto de la biblioteconomía y sus profesionales. Trata de definir el papel del bibliotecario en las noticias y las habilidades informativas relacionadas con la profesión. El estudio tuvo un enfoque cualitativo a fin de comprender el fenómeno en su contexto. Se utiliza como una herramienta de recogida de entrevista semi-estructurada y la observación libre. Describe a través de entrevistas cinco bibliotecarios un breve perfil de los proyectos y acciones en las que cada uno de los sujetos investigados se insertan. Conjetura sobre la motivación de cada uno a la búsqueda de la autonomía y la formación académica como contribuyó o no a la realización efectiva de sus proyectos. Dice el bibliotecario como mediador tiene potencial transformador, y sólo a través de acciones como dirigido en el estudio, y muchos otros procesos posibles son capaces de generar conocimiento y conciencia crítica para ayudar en la construcción de ciudadanos de pleno de sus derechos y capaces de generar cambios efectivos en nuestra sociedad.

Palabras clave: Informacion Mediación y lectura. Freelancers bibliotecarios. Alfabetización Informativa.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Apresentação dos sujeitos..... 28

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Troca Viva no Rua Literária 2013.....	31
Figura 2 – Pessoas trocando livros.....	31
Figura 3 – Pegue e Leve.....	32
Figura 4 – Largo Vivo.....	32
Figura 5 – Cartaz de divulgação “Ventre Livro”	33
Figura 6 – Feira do Livro Anarquista no Clube de Cultura 2013.....	38
Figura 7 – Banca da Monstro dos Mares na Travessa dos Venezianos.....	39
Figura 8 – Monstro dos Mares no III Encontro por uma Educação Libertária.....	40
Figura 9 – Imagem de divulgação para o Encontro.....	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	METODOLOGIA.....	15
3	O EU-OUTRO: CONCEITOS E REFLEXÕES SOBRE MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO.....	17
4	COLHER COM OS OLHOS: CONCEITOS E REFLEXÕES SOBRE MEDIAÇÃO DA LEITURA.....	20
5	O BIBLIOTECÁRIO MEDIADOR DA INFORMAÇÃO E DA LEITURA: AQUELE QUE “MEDEIA”.....	22
6	SABER FAZER: CONCEITOS E REFLEXÕES SOBRE COMPETÊNCIA INFORMACIONAL.....	24
7	CONTEXTO DE ESTUDO.....	27
8	SUJEITOS DO ESTUDO.....	28
9	ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.....	30
9.1	Troca Viva.....	30
9.2	Editora Artesanal Monstro dos Mares.....	37
9.3	Reckziegel Acervos.....	44
9.4	Contação de Histórias.....	50
10	RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
	REFERÊNCIAS.....	59
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	62
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	63

1 INTRODUÇÃO

Mediar informação, ao contrário do que se pensou até pouco tempo de maneira empírica, não é sinônimo de Serviço de Referência. Assim como, mediação de leitura não está vinculada apenas a hora do conto. Essas práticas fazem parte do processo de mediação, mas não são as únicas, estamos falando de algo muito mais amplo. Abrange todo o fazer do bibliotecário, desde o desenvolvimento de coleções, o armazenamento e a disseminação da informação, interferindo de forma direta no objeto da Ciência da Informação. A interação informação/bibliotecário/usuário estabelece de forma simplificada o processo de mediação da informação e, tudo isso devido à importância da interação do bibliotecário com o usuário no processo de aquisição da informação. Diversas outras ações de mediação podem ser realizadas por parte do bibliotecário para que incentive a leitura compreensiva, crítica e reflexiva e assim efetivamente formar leitores.

A informação sempre foi considerada matéria-prima básica necessária para o desenvolvimento de sujeitos atuantes na sociedade, agindo como o ponto de aproximação entre o saber e a prática constituída. Ao longo dos anos essa técnica de transmissão foi sendo desenvolvida até chegar ao que conhecemos hoje. O ato de mediar essa informação e conseqüentemente a leitura está automaticamente associado ao fazer bibliotecário em qualquer âmbito em que ele esteja inserido. No Rio Grande do Sul (RS), verifica-se que alguns bibliotecários atuam em ações com atividades de mediação que vão além da relação instituição/bibliotecário/informação/usuário/, assumindo uma postura envolvida com o público ao qual atendem culminando em um compromisso com a sociedade no todo e fazendo com que a Biblioteconomia tenha sua importância reconhecida no cenário atual.

Assim, esta pesquisa teve início a partir da necessidade de um estudo acerca dos bibliotecários que atuam como mediadores de informação sem vínculo institucional público ou privado no desenvolvimento de ações autônomas enquanto mediadores de informação ao público. A preferência pela escolha do assunto se deve ao interesse da autora em atividades difundidas por esses profissionais e a qualidade de serviços que eles promovem independente de seus locais de trabalho.

Nesse contexto, o problema de investigação consiste na seguinte pergunta: como ocorre a atuação de profissionais bibliotecários, sem vínculo institucional público ou privado, no desenvolvimento de ações autônomas enquanto mediadores de informação e de leitura ao público?

Como objetivo geral este estudo pretende verificar como ocorre a atuação de profissionais bibliotecários sem vínculo institucional público ou privado no desenvolvimento de ações autônomas como mediadores da informação e de leitura.

Os objetivos específicos se constituem nos seguintes aspectos: identificar a diversidade de características que determinam o perfil dos bibliotecários mediadores da informação e da leitura atuantes no RS; caracterizar a ação desses profissionais e analisar as principais características apresentadas pelos profissionais mediadores da informação e da leitura.

A motivação para a realização dessa pesquisa se deve ao fato de muitas intervenções bibliotecárias de mediação de informação e de leitura positivas e de qualidade estarem acontecendo simultaneamente em diversas cidades do RS, e o quanto é importante a realização de um mapeamento e da descrição das mesmas, uma vez que não possui divulgação necessária, indo contra um dos princípios básicos de nossa profissão: a disseminação da informação.

2 METODOLOGIA

O estudo realizado possui abordagem de cunho qualitativo, de caráter exploratório através de um estudo de caso por ter proposto em seus objetivos uma pesquisa pontual e aprofundada dos sujeitos, ressaltando o depoimento pessoal dos indivíduos, não se buscando, portanto, resultados numéricos ou quantificáveis.

Lüdke e André (1986) afirmam que nesse tipo de abordagem há sempre uma tentativa de capturar a perspectiva dos participantes, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. E, ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo.

Através da afirmação de Gil (2009, p. 41) identificamos as Pesquisas Exploratórias como um tipo de pesquisa que: “[...] têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.”

Os sujeitos da pesquisa constituem cinco bibliotecários autônomos e sem vínculo institucional público ou privado e com iniciativas inovadoras no âmbito da mediação da informação e da leitura, que desenvolvem ações que ocorrem no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul. Os profissionais foram convidados a participar da pesquisa, e deram seu depoimento a partir de roteiro que serviu como orientação, nem sempre sendo seguido à risca, de acordo com decisão de cada respondente. Isso foi possível porque, segundo Lüdke e André (1986), em se tratando de uma pesquisa qualitativa, a análise dos significados individuais atribuídos pelos sujeitos é mais importante do que eventuais decisões prévias tomadas pelo próprio pesquisador.

Segundo Gil (2009, p. 140): “Os resultados obtidos no estudo de caso devem ser provenientes da convergência ou da divergência das observações obtidas de diferentes procedimentos.” Considerando essa afirmação, foram utilizados mais de um instrumento de coletas de dados, uma vez que se objetiva a qualidade dos resultados. A primeira técnica de coleta de dados utilizada nessa pesquisa foi a observação livre. Marconi e Lakatos (2003, p. 190) definem observação como:

[...] uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar.

Segundo Lüdke e André (1986) a observação apresenta as seguintes vantagens: é o principal método de investigação, possibilita um contato direto e pessoal com o fenômeno pesquisado; o “ver para crer”; possibilita a introspecção e a reflexão pessoal; permite que a observação chegue mais próximo da perspectiva do sujeito; permite descobrir aspectos novos de um problema e permite a coleta de dados em situações em que são impossíveis outras formas de comunicação.

Em segundo lugar, e para complementar as técnicas de coleta de dados utilizadas nessa pesquisa, foi utilizado como instrumento a Entrevista Semi-estruturada, considerada mais adequada para a realização desse estudo uma vez que se desenvolveu a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente o que possibilitou que o entrevistador fizesse as necessárias adaptações (LÜDKE E ANDRÉ, 1986)

Lüdke e André (1986) ainda apresentam algumas vantagens na entrevista: estabelece a relação de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde; permite a captação imediata e corrente da informação desejada, sobre os mais variados tópicos; permite o aprofundamento dos assuntos; permite correções, esclarecimentos e adaptações tornando-a eficaz na obtenção de informações desejadas.

Nesse contexto, entende-se que para o conhecimento dos aspectos referentes às práticas bibliotecárias de mediação de informação e de leitura, esta técnica viabilizou maior integração entre o pesquisador e o bibliotecário pesquisado.

Dessa forma, considera-se que o Método de pesquisa utilizado foi compatível com os objetivos propostos pelo Projeto de pesquisa. Apresenta-se no Apêndice A deste trabalho, o Roteiro de questões para a entrevista.

Para realização do estudo foi necessário um embasamento teórico que contribuiu elucidando alguns tópicos pertinentes ao trabalho, a fim de atingir os objetivos inicialmente propostos, que são apresentados no decorrer das próximas seções.

3 O EU-OUTRO: CONCEITOS E REFLEXÕES SOBRE MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Em um contexto contemporâneo em que a informação é peça-chave no desenvolvimento de sujeitos pensantes e atuantes na sociedade e fundamental para o desenvolvimento dessa mesma sociedade, é imprescindível iniciarmos o estudo com uma reflexão a respeito do conceito da palavra informação. Palavra de origem latina, a informação mostra-se como uma área multidisciplinar que ainda apresenta muito a ser discutido, uma vez que vários campos das Ciências Humanas dedicam-se a estudá-la.

Le Coadic (2004, p. 4) afirma que “[...] a informação é um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte. A informação comporta um elemento de sentido.” No mesmo contexto, a definição apresentada pelo Glossário da Sociedade da Informação (2011, p.75) nos apresenta a informação como: “Dados e factos que foram organizados e comunicados de forma coerente e com significado e a partir dos quais se podem tirar conclusões.” Da mesma forma, Fadel *et al.* (2010) afirma que só podemos nomeá-la informação se a compreendemos, ou seja, se existe por parte do sujeito cognoscente consenso em relação ao seu significado, caso contrário não é informação. Esse sujeito ressignifica a informação, uma vez que infere síntese e contexto a ela. Enfim, podemos considerar a informação como um dado a ser registrado, ao qual damos sentido e o transformamos em conhecimento. À primeira vista, nos remete a algo que flui entre um emissor e um receptor.

Em Capurro (2007) temos a definição de informação como uma classe antropológica que diz respeito ao fenômeno de mensagens humanas, cujas estruturas verticais e horizontais estão relacionadas ao conceito grego de mensagem (*angelia*), assim como ao discurso filosófico (*logos*). Contudo, apesar de tantos conceitos e definições obtidos, deve-se levar em consideração que, atualmente, quase toda disciplina científica usa o conceito de informação dentro de seu próprio contexto e com relação a fenômenos específicos.

Nesse contexto, é necessário considerar a visão de Vygotsky (1996) quando ele afirma que o meio é revestido de significados culturais, apreendidos com a participação de mediadores e que o desenvolvimento do pensamento é determinado pela experiência sociocultural. Ou seja, essa relação de mediação é constante, uma

vez que a aprendizagem, e porque não dizer o conhecimento, é construído na interação do homem com o objeto e esses, mediados pela sociedade como um todo e a todo o momento. Segundo Molon (2003, p. 102) a mediação semiótica em Vygotsky “[...] é um pressuposto que se objetiva no conceito de conversão, superação, relação constitutiva Eu-Outro, intersubjetividade, subjetividade [...]”. A mediação não está entre dois termos para estabelecer a relação, ela é a própria relação entre esses dois termos através de signos.

A etimologia da palavra mediador é do latim *mediator*¹, “mediador”, de *mediari*, “intervir, colocar-se entre duas partes”, de *medius*, “meio”, sendo conhecido como aquele que “*medeia*”. A mediação então pode ser estabelecida como a ação realizada por um mediador, alguém que intervém. Moro e Estabel (2012, p. 42) nos sintetizam de forma clara e precisa a definição e função dessa prática interacional afirmando que:

A mediação é entendida como a relação do homem com o mundo e com os outros homens e possibilita que as Funções Psicológicas Superiores (FPS), apontadas por Vygotsky, por meio da sensação, da percepção, da atenção, da memória, do pensamento, entre outras se desenvolvam.

No âmbito da Ciência da Informação, a preocupação é com a mediação do nosso objeto principal de estudo: a informação. Apesar de muito citada atualmente em literaturas especializadas da área, percebemos uma escassez no que tange a um conceito propriamente dito para o termo “mediação da informação”. Entretanto, um grupo de pesquisa chamado “Mediação da Informação e Múltiplas Linguagens” coordenado por Oswaldo Francisco de Almeida Júnior apresenta a seguinte definição, ainda em formação:

[...] toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional. (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 4)

Nesse sentido, a mediação não estaria limitada apenas às atividades relacionadas diretamente ao usuário pretendido, mas em todas as ações do

¹ VIEIRA, Luciano. Origem da palavra. Lista de palavras, set. 2010. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/palavras/mediador/>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

profissional bibliotecário. Fadel *et al.* (2010, p. 17) estabelece a mediação da informação como “[...] um segmento da Ciência da Informação e se articula com os outros segmentos que dela fazem parte.” E completa propondo “a mediação da informação como objeto ou núcleo epistemológico da Ciência da Informação.”

Assim, a mediação da informação não estaria vinculada apenas ao Serviço de Referência e Informação, como se pensou até pouco tempo, mas a todas as ações específicas direcionadas ao usuário, bem como de todos os espaços por eles utilizados, uma vez que o bibliotecário trabalha com vários tipos de informação: uma que ainda não surgiu, uma que está pré-pronta, uma quase informação, uma possível informação, uma provável informação e uma que está completa.

4 COLHER COM OS OLHOS: CONCEITOS E REFLEXÕES SOBRE MEDIAÇÃO DA LEITURA

O sentido da leitura está muito além dos conceitos elaborados pelo homem. Almeida Júnior (2007) já afirmava que são tantas as definições, quer pendendo para um caráter mais político, mais social, quer para um caráter mais instrumental ou mais técnico. Em um contexto mais etimológico, a palavra deriva do Latim “*legere*”² e seu significado provém da agricultura. Originalmente definido como “colher, escolher, recolher”, bem como quando as pessoas selecionam e retiram do pé os melhores frutos, passou ao sentido atual de “obter informações através da percepção das letras” porque fazer isto indica uma capacidade de escolher e definir corretamente letras e palavras. É equivalente à expressão latina *legere oculis*, “colher com os olhos”.

Para Dumont (2007, p. 65) a verdadeira efetivação da leitura:

[...] é uma ação social e não de domínio de técnicas, ou seja, a ênfase não se encontra no processo de decifração da escrita com base na correspondência grafológica, e sim como estratégia da subjetividade do leitor, que o possibilita a construir significados e recolher informações do texto lido.

Isto é, não basta apenas ler, há de se construir significados e compreender efetivamente o que se está lendo, uma vez que decodificar sem compreender é inútil e a ação contrária é impraticável.

Não obstante, Martins (1989) nos amplia a visão ao considerar que:

Seria preciso, então, considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido. (MARTINS, 1989, p. 30)

Diante disso, pode-se entender a leitura como algo além da decodificação da escrita, realizada a partir de um diálogo do leitor com o objeto lido, independente de seu suporte. Para consolidar essa afirmação, Neves (2007) nos apresenta a leitura

² VIEIRA, Luciano. Origem da palavra. Lista de palavras, set. 2010. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/palavras/leitura/>>. Acesso em: 22 jun. 2013.

como um processo permanente de comunicação interpessoal, algumas vezes efetuada por um texto e outras mediada diretamente de pessoa a pessoa.

Nesse sentido, e de acordo com Barros (2006, p. 17-18): “Numa concepção simplista, mediar leitura é fazer fluir a indicação ou o próprio material de leitura até o destinatário-alvo, eficiente e eficazmente, formando leitores. E dessa forma levar em conta fatores extrínsecos e intrínsecos, relativos ao objeto, ao sujeito e ao agente da leitura: o texto, o leitor e o mediador. Nesse âmbito, faz-se necessária a atuação de um mediador entre um possível leitor e o objeto a ser lido – na maioria dos casos um livro. Torna-se imprescindível atribuir valor a esse objeto, a ponto de ele concretizar uma relação de necessidade de leitura e não apenas de prazer. O mediador deve atuar como um formador de leitores, capaz de fazer dialogar entre si o leitor e o conteúdo a ser lido. É importante destacar que, de acordo com Almeida Júnior (2007, p. 35) a leitura está no centro da apropriação da informação e só se concretiza no processo de mediação. Entretanto, a mediação de leitura faz parte da mediação da informação. O autor ainda enfatiza que:

[...]a leitura é imprescindível para a ciência da informação e para a biblioteconomia. Sem elas, essas áreas passam a lidar com um objeto utópico. Desconsiderar a leitura ou entendê-la como de menor importância, pertencente a um campo tradicional e sem espaço nas demandas contemporâneas, é decretar a inviabilidade dessas duas áreas.

Se considerarmos que o estudo, a produção de conhecimento, o tratamento e a disseminação da informação fazem parte da missão da Biblioteconomia, a leitura torna-se insumo básico para o bibliotecário. Nesse contexto, de acordo com Neves (2007, p. 26) o profissional bibliotecário usufruirá da leitura “[...] tanto para ler a biblioteca na qual atua e o campo do saber no qual se insere, como também para mediar a leitura dos usuários a quem irá atender.”

Diante desses aspectos, percebe-se o bibliotecário como aquele que detém a seiva informacional de uma biblioteca ou instituição a qual atua, sendo responsável por desvendar as necessidades de cada usuário e, assim decidir dar acesso ou não a informação contida, buscando promover sempre a conscientização e a lucidez das reivindicações dos que estejam em seu campo de ação.

5 O BIBLIOTECÁRIO MEDIADOR DA INFORMAÇÃO E DA LEITURA: AQUELE QUE “MEDEIA”

O bibliotecário mediador é o profissional que se utiliza de instrumentos para manejar a informação de forma que a relação usuário/informação seja concretizada, proporcionando novos espaços formadores de peculiaridades capazes de objetivar o mundo e as relações que o envolve, de forma que se transformem em ambientes críticos e transformadores de realidades. Almeida Junior (2006, *slide* 10) afirma que:

Na mediação não há, nem pode haver, uma neutralidade, tanto por parte do usuário (aquele que explicita ou sugere uma necessidade informacional) como por parte do bibliotecário/arquivista (aquele que conhece e sabe se movimentar adequadamente no universo informacional). A idéia da presença da neutralidade – e de sua necessidade – no fazer bibliotecário/arquivístico é constante e recorrente entre os profissionais da área. O senso comum bibliotecário/arquivista identifica e tenta explicar a mediação com a imagem da “ponte”. No entanto, esta é fixa, permitindo a passagem de um lado para outro, sem interferir. Além disso, os lados ligados pela ponte são sempre os mesmos.

Como já abordado anteriormente neste estudo, a ação realizada pelo mediador não ocorre apenas no momento do contato do usuário com os documentos e materiais fornecidos pelo profissional da informação, ela deve abranger todas as ações do fazer bibliotecário. Porém, é necessária atenção, uma vez que, de acordo com Almeida Júnior (2006, *slide* 9): “A mediação da informação não se dá antecipadamente. Só acontece quando o usuário se apropria da informação ou, em outras palavras, quando o acervo documental se transforma em informação para o usuário.” Ou seja, essas atuações bibliotecárias devem interagir para sanar as necessidades específicas individuais de cada usuário, levando em consideração seu contexto e devem ser consideradas como ações mediadoras. O que diferenciam as ações dos bibliotecários é o fato de algumas mediações serem realizadas de forma implícita e outras de forma explícita.

Fadel *et al.* (2010) explica as diferenças que existem nesses dois segmentos no âmbito do fazer do profissional bibliotecário: a mediação explícita ocorre nos espaços em que há uma relação formal entre o usuário e o equipamento informacional, e nesse caso ela é facilmente reconhecida em seus aspectos concretos; e a mediação implícita envolve todas as ações desenvolvidas até o

momento do contato com o usuário, e é assim denominada pois está por trás dos objetivos desses setores.

O papel do bibliotecário está embutido na função de agente socializador da informação, auxiliando o leitor a atingir um nível maior de complexidade no processo de ler, escrever e produzir sentidos. Segundo Rasteli e Cavalcanti (2013), a ação cultural se reflete para o bibliotecário como estímulo para a aquisição de competências, saberes, fazeres e compartilhamento de experiências que potencializam sua competência de atuação como mediador de leitura. A seguir, os autores apresentam alguns tópicos que giram em torno das competências, habilidades e atitudes que um mediador da leitura deve possuir:

- a) ser leitor ativo;
- b) conhecer as teorias da leitura;
- c) valorizar as narrativas orais;
- d) viabilizar o acesso da informação em seus diferentes suportes;
- e) conhecer as políticas públicas para o livro e a leitura;
- f) estar atento às multiplicidades culturais;
- g) estabelecer relações afetivas com o leitor;
- h) trabalhar em equipe;
- i) estabelecer parcerias;
- j) ter competências aplicadas às TICs;
- k) conhecer e utilizar as ferramentas da Web 2.0;
- l) buscar a educação continuada.

Desse modo, percebemos uma constante atualização na formação dos mediadores de leitura, uma vez que é necessário um constante desenvolvimento de construção e experimentação de conhecimentos. Conforme Estabel e Moro (2005, p. 8): “o papel do bibliotecário é o de mediador entre a leitura, a informação e o leitor. Esse profissional, além de orientar o usuário no uso dos suportes informacionais, deve ser um promotor de leitura e, além de tudo, um bibliotecário educador.”

Diante disso, pode-se inferir que o profissional bibliotecário deve estar preparado para agir como agente efetivo no processo de democratização da informação, tendo consciência de que tem em suas mãos um dos maiores instrumentos de poder da atualidade: a própria informação.

6 SABER FAZER: CONCEITOS E REFLEXÕES SOBRE COMPETÊNCIA INFORMACIONAL

Para compreender um pouco sobre competência informacional e seu significado, é necessário esclarecer a sua etimologia. A palavra competência, do latim *competentia*, tem várias vertentes: pode referir-se à aptidão, ao designar a qualidade de quem é capaz de resolver determinados problemas ou de exercer determinadas funções; e também tem a intenção de nos passar uma ideia de proporção e simetria.³ Ela pode ser relacionada também ao “saber fazer”, o que envolve uma porção de aptidão em relação a algo específico.

Campello (2005, p. 179) coloca que: “O conceito de competência informacional envolve, entre outras, a idéia (*sic*) de habilidade de informação.” Esse termo, usado inicialmente nos Estados Unidos para nomear habilidades ligadas ao uso da informação eletrônica, quando chegou ao Brasil foi traduzido como “alfabetização informacional”. Caregnato (2000), inicialmente apresentou o termo com a intenção de ressaltar a importância e a necessidade de oferecer aos usuários, nesse caso, de bibliotecas universitárias, o desenvolvimento de habilidades necessárias para um melhor aproveitamento e interação do ambiente informacional. Entretanto, Dudziak (2003), nos apresenta outro viés que ultrapassa o alcance da tecnologia, começando por não traduzir o termo oficialmente e tratá-lo como *information literacy*, afirmando ainda que este termo é inclusivo e que engloba *literacies* cultural, tecnológica, acadêmica, marginal etc. A autora afirma que, além de alfabetização informacional, essa expressão poderia ser traduzida como letramento, literacia, fluência informacional ou competência em informação.

O certo é que esse termo ainda está em fase de construção, e que apesar de diversos profissionais trabalharem com perspectivas distintas, conforme Campello (2003) eles têm em comum o fato de perceberem a necessidade de ser este o momento de construir um novo paradigma educacional para a biblioteca e de se repensar o papel do bibliotecário.

Campello (2003) analisa o ambiente da competência informacional, criando um elo entre a sociedade da informação, a tecnologia da informação, as teorias

³ Fonte: Site Conceito.de Disponível em: <<http://http://conceito.de/competencia/>>. Acesso em: 22 mai. 2014.

educacionais e o bibliotecário. Na busca incessante por mudanças esses são visivelmente instrumentos de transformação da sociedade.

Morigi *et al.* (2012, p. 5) coloca que:

Os profissionais com suas competências realizam a mediação entre o conhecimento e os cidadãos através de ações que viabilizam a propagação e o acesso a informação útil. Nessa perspectiva, os bibliotecários, como agentes sociais da informação e do conhecimento, deveriam ser os mais capacitados para desenvolver as competências informacionais e delas se apropriarem com a finalidade de auxiliar os cidadãos a construir e exercerem a cidadania.

O profissional bibliotecário ideal desempenharia sua função de agente mediador, trabalhando efetivamente como integrador do desenvolvimento intelectual dos indivíduos, em busca do desenvolvimento da competência informacional dessas pessoas, fazendo com que o fluxo informacional alcance a todos, principalmente aqueles que mais dela necessitam.

Barros (2005) nos apresenta que o cenário social, político, cultural, educacional e econômico brasileiro necessita de um processo de construção da cidadania contínuo, envolvendo a participação de vários indivíduos e de vários profissionais. O que nos remete a interdisciplinaridade requerida em nossa profissão e tão destacada no modelo ideal de competência informacional de cada profissional da informação. Introduzimos também aqui um fator importante: a formação a que somos submetidos na academia. Sobre isso, Morigi *et al.* (2012, p. 12) afirma que:

[...] enquanto não refletirmos, aprofundarmos e ampliarmos as discussões sobre a discrepância entre a formação “técnica” e “social” do profissional, no qual há uma ausência da política nos cursos de formação profissional, esta atuação voltada para as práticas da cidadania continuará debilitada com fraca inserção social dos profissionais em relação a uma postura ativa de transformação social.

Uma vez que competência informacional e cidadania estão diretamente interligadas, ao considerarmos a informação um direito básico da população, o profissional bibliotecário se torna um agente social com práticas de mediação desenvolvida através de seus saberes para a democratização dessa informação em um constante ir e vir, uma vez que o processo é lento e contínuo, e independente do espaço onde atua, dentro ou fora dos muros da Biblioteca.

Quando mencionamos o fora dos muros da biblioteca, foi pensando no profissional agindo no âmbito da conhecida Biblioteconomia Alternativa, ou seja, em espaços além da biblioteca, levando em conta a produção do conhecimento como ponto principal. Se o profissional da informação consegue aliar a sua competência informacional de saber fazer, de querer fazer e de poder fazer, esta cumprindo o seu papel na sociedade de forma eficaz.

Alguns profissionais estão utilizando esses saberes aliados para se lançarem em desafios maiores, que pouco se discute no mercado de trabalho biblioteconômico: o trabalho autônomo, e que vem tomando forma aos poucos, de forma tímida ainda, entretanto trazendo um viés inovador e necessário para nosso futuro como profissionais. Como trabalhador autônomo⁴ entendemos todo aquele sujeito que exerce sua atividade profissional sem vínculo empregatício, por conta própria e assumindo seus próprios riscos. A prestação de serviços é de forma eventual e não habitual, ou seja, o profissional possui determinadas habilidades técnicas, manuais ou intelectuais e decide trabalhar por conta própria, sem relação de emprego, mediante remuneração, com fins lucrativos ou não. Talvez esse seja o futuro para muitos da profissão, que não se contentam em trabalhos tecnicistas e buscam transformar-se em um agente de intervenção e transformação social.

7 CONTEXTO DO ESTUDO

⁴ Fonte: < <http://www.ambito-juridico.com.br/pdfsGerados/artigos/4755.pdf>>. Acesso em: 20 jun 2014.

O estudo foi realizado em quatro contextos diferentes, porém com a mesma finalidade de mediação da informação e ou da leitura. Apenas duas iniciativas possuem sede própria (o que não significa que as atividades ocorram apenas nesse espaço), as demais ocorrem de acordo com a demanda e em lugares diversificados.

O Troca Viva é um coletivo de três bibliotecárias que tem como princípio utilizar-se de espaços públicos de Porto Alegre para promover a leitura, a arte e a troca. Lançado na Vaga Viva, de abril de 2013, o troca-troca começou com a intenção de incentivar a leitura. Aliando-se aos diversos movimentos para humanizar e "avivar" os espaços públicos de Porto Alegre, o Troca Viva proporciona o incentivo a todos os tipos de arte: livros, música, cinema, fotografia, artesanato e criatividade generalizadas. Realizam trocas de livros por arte, arte por música, convivência por discos de vinil, fotografias por livros.

A Monstro dos Mares é uma editora que busca uma forma de integrar pessoas e coletivos na publicação de livros de forma artesanal e que tem, como um dos editores, um bibliotecário envolvido com práticas de difusão de leitura e informação. Com sua sede em Cachoeira do Sul, mas com exposição em feiras autônomas por diversas partes do Estado e até mesmo fora dele, visa criar um elo entre autores, cooperativas de produtores, grupos de estudos, ativistas de mídia independente, editoras libertárias, leitores apaixonados, ilustradores, artesãos, movimentos sociais e qualquer pessoa interessada.

A Reckziegel Acervos oferece serviços na área de Gestão Documental com uma metodologia de trabalho diferenciada, denominada "Digitalização Artesanal". Suas instalações situam-se na cidade de Porto Alegre, entretanto o trabalho, em sua maioria é realizado nas dependências do cliente.

As contações de histórias realizadas por uma das bibliotecárias deste estudo, as oficinas e palestras que ministra sobre a Arte de Contar Histórias e o Prazer da Leitura, assim como bate-papos sobre os livros que escreve ocorrem em escolas, seminários, bibliotecas, Encontros de Literatura, eventos de Promoção da Leitura e Feiras de Livro localizadas em diversas cidades, tanto Porto Alegre e sua Região Metropolitana, como no interior do Estado e em outros lugares do Brasil.

8 SUJEITOS DO ESTUDO

Os sujeitos da pesquisa são as pessoas partícipes do estudo, neste caso, bibliotecários que exercem sua função de forma autônoma, sem vínculo com instituições de cunho público ou privado. Nem todos os casos aqui apresentados foram criados com o intuito de gerar renda, mas todos possuem como principal meta a difusão e a mediação da informação e/ou da leitura.

Para a seleção dos sujeitos desta pesquisa, foram adotados alguns critérios para manter a coerência com a proposta deste TCC e o número de participantes selecionados foram cinco, devido ao curto espaço de tempo disponível em relação ao nível de profundidade em termos de coleta de dados e análise que o pesquisador pretendeu obter. Justificou essa escolha os diferentes segmentos das ações e o destaque de cada sujeito em seu âmbito de trabalho.

A seguir, apresentaremos um quadro com a caracterização dos sujeitos da pesquisa:

Quadro 1 – Apresentação dos Sujeitos

SUJEITO	IDADE	FORMAÇÃO
Suj. 1	26 anos	- Formada em Biblioteconomia pela UFRGS desde 2012 - Especialização em Teoria e Prática da Formação do Leitor - UERGS
Suj. 2	28 anos	- Formada em Biblioteconomia pela UFRGS desde 2011 - Especialização em Gestão Cultural – SENAC
Suj. 3	33 anos	- Formado em Biblioteconomia pela UFRGS desde 2012
Suj. 4	28 anos	- Formada em Biblioteconomia pela UFRGS desde 2010
Suj.5	64 anos	- Formada em Biblioteconomia pela UFRGS desde 1977. - Pós-graduação em Literatura Infanto-Juvenil pela FAPA - Pós-graduação em Folclore pela FAMUPA

Fonte: Rodrigues (2014)

O sujeito “1” é uma bibliotecária que reside em Porto Alegre. Envolvida na iniciativa chamada “Troca Viva” há um ano e um mês, realiza paralelamente consultoria e capacitação na área de Biblioteconomia, uma vez que o projeto em estudo não possui fins lucrativos.

O sujeito “2” também reside em Porto Alegre e no momento não está empregada na área. Também atua no coletivo “Troca Viva” no mesmo período de tempo que o sujeito “1”, uma vez que o projeto foi idealizado por ambas e uma terceira bibliotecária que não faz parte do estudo. As entrevistas foram realizadas através de e-mail no mês de maio de 2014 e as observações foram realizadas em alguns eventos ao qual o coletivo participou desde o ano de 2013, como “Rua Literária”, “Vaga Viva” e “Bazar Brechó Buena Onda”.

O sujeito “3” reside também em Porto Alegre trabalha como bibliotecário no Instituto de Previdência do Estado do Rio Grande do Sul (IPERGS), porém, o seu trabalho na Editora Artesanal Monstro dos Mares foi o que motivou sua participação nesse estudo. A entrevista foi realizada através de e-mail em junho de 2014 e as observações ocorreram em eventos ao qual a editora foi representada pelo sujeito, tais como: Feira do Livro Anarquista de Porto Alegre de 2013 e III Encontro por uma Educação Libertária que ocorreu em Sapiranga (RS) no início de 2014.

Residindo em Porto Alegre, o sujeito “4” no momento dedica-se ao seu trabalho na Reckziegel Acervos e prepara-se para uma seleção de Mestrado e para provas de concursos, uma vez que a empresa está com um futuro incerto devido a pouca demanda e pouca divulgação de seus serviços. A entrevista foi realizada pessoalmente em maio de 2014 e, o uso de um telefone celular, com aplicativo de gravação de voz, possibilitou a gravação do depoimento.

Por fim, o sujeito “5” trata-se de uma bibliotecária aposentada, residente em Porto Alegre. Dedicou-se a sua carreira como escritora e as suas oficinas e contações de histórias em escolas, Feiras do Livro e demais iniciativas de apoio à leitura. Foi realizada uma entrevista pessoalmente em maio de 2014 e aqui, o uso de um telefone celular, com aplicativo de gravação de voz, também possibilitou a gravação do depoimento.

As informações gravadas e fornecidas tiveram sua utilização autorizada pelos sujeitos, através da Autorização de Uso de Imagem e Depoimento (APÊNDICE B - Modelo), e através da assinatura dos mesmos, concordando com o uso sem fim comercial (APÊNDICE C). As entrevistas não serão disponibilizadas ao público.

9 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Os dados coletados nas entrevistas e na observação foram estudados e reunidos em um texto organizado em tópicos de acordo com a iniciativa autônoma de cada sujeito abordada neste trabalho, visando proporcionar uma análise mais aprofundada. Desse modo, o enfoque foi centrado nas ações realizadas pelos sujeitos, na forma como surgiram, como se dá o processo e o que motiva essa busca por autonomia de cada um dos participantes da pesquisa.

9.1 Troca Viva

O convite ao Sujeito “1” e ao Sujeito “2” para participar deste estudo ocorreu no dia 4 de agosto de 2013, durante um evento chamado “Rua Literária”, no qual o coletivo intitulado Troca Viva, juntamente com outros artistas de Porto Alegre ocuparam o espaço em frente à Biblioteca Pública do Estado (BPE) com a intenção de mostrar como é possível dar vida às bibliotecas e que podem ser um espaço de todos. A BPE está localizada na Rua Riachuelo esquina com a Rua General Câmara e está fechada para restauração desde 2007, estando atualmente na Casa de Cultura Mário Quintana (CCMQ).

A primeira observação livre ocorreu neste mesmo evento como uma forma de conhecer como o coletivo se apresenta para o público e como se dá esse processo de interação. A ação chamou a atenção de muitas pessoas que passavam e paravam para perguntar sobre o que se tratava e conhecer um pouco mais da iniciativa, assim como para se apropriar do material intitulado “Pegue e leve”. Os que já conheciam a proposta chegavam com seu material e realizavam a troca, sempre perguntando para as bibliotecárias responsáveis como deviam proceder, sendo orientados a apenas realizar a substituição, não sendo necessário deixar registrado em lugar algum.

As imagens ilustram alguns momentos de observação:

A figura 1 oferece uma visão ampla do evento em frente à BPE, com a banca do Troca Viva, assim como de outros artistas e da população que prestigiou o evento.

Figura 1 – Troca Viva no Rua Literária 2013



Fonte: Acervo Troca Viva (2013)

A figura 2 apresenta algumas pessoas realizando a troca de livros no espaço do Troca Viva. Mostra também a exposição fotográfica organizada pelas bibliotecárias responsáveis pelo coletivo.

Figura 2 – Pessoas trocando livros



Fonte: Acervo Troca Viva (2013)

E por fim, a figura 3 representa o espaço destinado ao “Pegue e Leve”, no qual as pessoas podiam levar o material disponível sem realizar trocas.

Figura 3 – Pegue e Leve

Fonte: Acervo Troca Viva (2013)

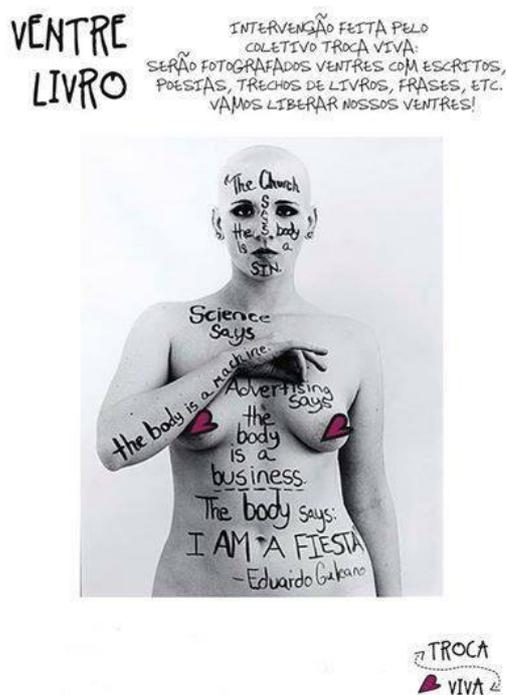
As demais observações ocorreram em eventos intitulados “Largo Vivo”, que ocorrem uma vez por mês, e no qual a população compartilha um espaço público – normalmente o Largo Glênio Peres no centro de Porto Alegre – que normalmente é uma área ocupada por carros, para a realização de piquenique, apresentações artísticas, troca de ideias, etc. E no qual ocorre a mesma interação apresentada no evento anterior, entretanto, com maior participação do público, uma vez que o coletivo se mostra mais popular e ganha uma visibilidade maior.

Figura 4 – Largo Vivo

Fonte: sete/nove (2013)

A última observação ocorreu no “Bazar Brechó Buena Onda” um evento realizado no Clube de Cultura no dia 10 de maio de 2014, localizado em Porto Alegre. A proposta era distinta, e ao invés de o coletivo levar seu costumeiro material para trocas, realizou uma sessão de fotos intitulada “Ventre Livro”, que consistia em voluntários do público escrever em seus ventres frases ou poemas a sua escolha, tudo isso com o intuito de uma reflexão acerca de estereótipos e uma crítica a respeito de padrões e culturas patriarcais de nossa sociedade. Iniciou com certa timidez do público, hesitante a princípio, mas que no final teve a colaboração de quase todos os presentes no evento, com frases das mais diversas, de própria autoria e de poetas consagrados da literatura nacional e internacional.

Figura 5 – Cartaz de divulgação "Ventre Livro"



Fonte: Acervo Troca Viva (2014)

Ao conversar com duas das três Bibliotecárias responsáveis pelo Troca Viva, Sujeito “1” e Sujeito “2” conheceu-se um pouco mais sobre o coletivo e qual foi seu intuito ao ser criado, segundo elas ao acaso durante um evento conhecido como “Vaga Viva”, uma ocupação das vagas de carro que tem como propósito repensar os espaços públicos de uma maneira sustentável e social. Souberam do evento via rede social “Facebook”, e como desde os tempos de faculdade já eram voltadas às práticas sociais, precisaram de apenas dois dias para organizar material e recolher

doações de livros, prática facilitada devido a suas formações e seus contatos. O nome do coletivo se deve a esse primeiro evento ao qual participaram. Sobre esse início, elas afirmam que:

Entendemos que já que o governo não faz o seu papel, nada impede que a sociedade civil protagonize ações como essa. Percebemos que o sistema de troca é tanto sustentável quanto social, agregador. A ideia de trocar ia se resumir apenas ao Vaga Viva, mas no momento em que trocamos ideias, afetos, diversão, risadas, sorrisos, abraços, além dos livros, é claro, foi tão enriquecedor que não conseguimos ficar por "ali". É preciso apenas vontade para incentivar qualquer coisa. Criatividade e improviso também são muito válidos!

Quando indagadas sobre o que as motivou na escolha de transformar essa ação de um dia em um coletivo, o Sujeito "2" afirmou que o fez por realização pessoal enquanto que o Sujeito "1" expressou que:

Proporcionar acesso à leitura para um público que não tem condições de utilizar os espaços oferecidos pelo governo/estado, por diversos motivos, seja pelo horário de funcionamento das instituições, pelo sentido de pertencimento aos espaços, seja pela burocracia/documentação exigida para poder retirar um livro. Espaços esses que deveriam por direito serem disponibilizados de acordo com a lei de acesso à leitura e cultura. Dessa forma atuamos como sociedade civil, proporcionando acesso à leitura na forma de escambo, retirando do livro o valor comercial / valor de moeda, transformando em valor cultural e intelectual.

Dessa forma, considerando as ações de mediação de leitura como processos de inclusão cultural e de emancipação de grupos e indivíduos, corroboramos a afirmação de Souto (2005, p. 43) sobre o sentido do trabalho do bibliotecário como facilitador da circulação da informação: "O profissional da informação – seja ele quem for – precisa adotar uma nova visão em relação às necessidades dos usuários, isto é, adotar a concepção de que seu trabalho gira em torno do fluxo da informação e não apenas do documento." Uma vez que proporcionar o acesso ao livro é parte, se não a mais importante, do fazer bibliotecário.

Nesse sentido, os bibliotecários como protagonistas desse processo devem impreterivelmente ter consciência da importância e do impacto que seu trabalho pode alcançar. Na entrevista, o Sujeito "1" e o Sujeito "2" foram questionados sobre as ações de mediação de informação e de leitura que o coletivo proporciona e, além do já citado, elas afirmaram que gostam de trabalhar com uma "não-rotina", com o

inesperado e para isso criam atividades para que aconteçam coisas do tipo, como o “Trocando uma Ideia”, que incita as pessoas a escreverem o que vier às suas mentes no momento. Perceberam que, com os últimos acontecimentos na cidade e no Brasil, como manifestações, por exemplo, as pessoas estão mais engajadas e interessadas politicamente, o que agrega valor a essa troca realizada pelo Troca Viva. E que com essa prática de não ter rotina, acabam por acontecer situações inusitadas, como quando um senhor humilde, porteiro de um prédio ganhou de um morador uma coleção de Playboys antigas, passou pelo Largo Glênio Peres e viu o Troca Viva, doou toda coleção porque não queria levar pra casa por causa da sua esposa. Acabaram trocando por alguns livros. Afirmam que são coisas do gênero que as movem e que as deixam cada vez mais empolgadas com esse projeto. Quanto aos lugares escolhidos para levar o Troca Viva, são em sua maioria ocupações de espaços públicos. Geralmente eventos mais sociais que agregam atividades concomitantes e com quem já possuem parceria, como Vaga Viva e Largo Vivo ou a festa do Centro Acadêmico de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia (CABAM) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – conhecida como “CABAMANGUAÇA”. A escolha do lugar não se dá por busca de maior público ou de um tipo específico do mesmo, e sim pela troca de experiências, vivências adquiridas e qualidade no que o coletivo se propõe a fazer.

Quando indagadas a respeito de recursos financeiros, o Sujeito “1” coloca que o coletivo se mantém com recursos financeiros próprios e com doações de livros de bibliotecas e de pessoas físicas que se identificam com a ação. O Sujeito “2” completa que elas se mantêm com amor. É importante frisar que essa iniciativa não possui fins lucrativos e que, só ocorre quando uma das três bibliotecárias possui tempo livre, uma vez que realizam atividades paralelas para seu sustento.

A seguir, foi perguntado a opinião de cada sujeito sobre a Biblioteconomia na sociedade em relação ao trabalho realizado no Troca Viva e as respostas obtidas foram as seguintes:

Sujeito 1: Acho que a Biblioteconomia ainda atua nas áreas mais tradicionais, sobretudo formando profissionais para atuar dentro de bibliotecas. Existem poucas disciplinas oferecidas no currículo que falam sobre a importante atuação da biblioteconomia na área social e quase nenhuma disciplina que trate sobre ações alternativas, ou sobre editais que viabilizam essa prática. Perdemos campo de

atuação para outros profissionais, pois a academia não contempla o estudante que quer atuar na área de incentivo e fomento à leitura.

Sujeito 2: Acredito que pra realizar este trabalho temos que esquecer muitas coisas aprendidas na faculdade. A principal é que um livro sem leitores não faz sentido, não queremos regras, livros catalogados, livros no lugar correto. Queremos leitores, aproximar as pessoas da leitura em lugares improváveis. Queremos que o livro tenha um valor simbólico, não mercadológico.

A semelhança na crítica das respondentes ao currículo acadêmico da Universidade a qual realizaram sua formação é um reflexo da premente necessidade de se discutir cada vez mais o papel social da Biblioteconomia e por consequência do bibliotecário, como forma de se dar atenção plena ao usuário, que deveria ser nossa maior preocupação enquanto profissionais. Francisco (2007, p. 14) afirma que:

[...] a formação curricular do futuro profissional bibliotecário, deve proporcionar ao aluno de Biblioteconomia uma base curricular interdisciplinar tendo em vista o enfoque da educação como suporte para a construção e promoção da cidadania para as populações excluídas da sociedade.

O fato de a Universidade não proporcionar suporte suficiente para que os profissionais possam atuar em diferentes espaços e com diferentes públicos torna muito maior a responsabilidade individual do profissional da informação de buscar a interdisciplinaridade na profissão, assim como a atualização e a capacitação, sempre buscando expandir sua área de atuação e poder enfim definir o tipo de profissional que será.

Por fim, a última questão do questionário perguntava a importância da atuação do bibliotecário no âmbito social e do profissional liberal. Os Sujeitos colocaram que:

Sujeito 1: Acho fundamental que o bibliotecário atue em espaços que discutam o acesso universal à leitura como direito. Essa garantia pode ser adquirida por meio de legislações, manifestações, disponibilização de informações à população ou por meio de ações alternativas de incentivo à leitura – o caso do Troca Viva – e que utilizem ferramentas e meios de divulgação na web para fomentar estas ações. Infelizmente a maioria dos profissionais não se insere nessa atividade. Não reconhece o incentivo à leitura como uma de suas funções, não apenas como profissional, mas como uma função social.

Sujeito 2: Acho linda a atuação do bibliotecário no âmbito social, acredito que seja a atividade mais prazerosa em relação ao fazer bibliotecário. Porém não dá pra viver só do social, e temos que correr atrás do ganha pão, que muitas vezes acaba tirando tempo para as atividades sociais.

Como já mencionado anteriormente, o Troca Viva é uma ação de mediação da informação e da leitura que não possui fins lucrativos, por isso o comentário do Sujeito “2” referente ao pouco tempo disponível para a ação social que o coletivo busca realizar. Entretanto, é imprescindível que a classe reconheça que o âmbito social está diretamente vinculado à função do profissional da informação e que o acesso universal à informação e à leitura é responsabilidade nossa, independente se o trabalho é remunerado ou voluntário. Sendo assim, esse profissional bibliotecário necessita estar atento e ser cada vez mais atuante, não podendo, em hipótese alguma acomodar-se frente às demandas que lhe são impostas (ARRUDA, 2000).

9.2 Editora Artesanal Monstro dos Mares

O primeiro encontro com a Editora Artesanal Monstro dos Mares ocorreu na 4ª Feira do Livro Anarquista de Porto Alegre, nos dias 15, 16 e 17 de novembro de 2013, no Clube de Cultura e na Travessa dos Venezianos, locais tradicionais da cidade. Esta Feira surgiu como uma contraproposta à Feira do Livro de Porto Alegre para que se propagassem as ideias e práticas anarquistas, permitindo um encontro de pessoas vindas de várias partes do mundo e de coletivos e editoras libertárias. Foi a primeira vez que a editora participou deste evento que ocorre há quatro anos na cidade, e também onde foi realizado o convite para participação neste estudo.

A primeira observação livre aconteceu neste evento como uma forma de conhecer suas propostas, práticas e diálogo com o público. Por ser em um local fechado no primeiro e último dias, as pessoas que chegavam à banca da Monstro dos Mares já possuíam, se não um conhecimento do trabalho da editora, pelo menos das práticas e propostas anarquistas. Houve muita troca de “zines”⁵, tipo de publicação das mais utilizadas pela editora e que fez muito sucesso entre os

⁵ Palavra abreviada de “Fanzine”: publicações a preços acessíveis, muitas vezes em preto e branco – produzidas em massa via fotocópias e presa com grampos e geralmente com uma determinada postura política, se convertendo em um meio de veiculação de ideias mais usado por punks e anarquistas. Fonte: < <http://www.urbandictionary.com/define.php?term=zine>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

participantes do evento, ocorrendo não só vendas, como também trocas com outras bancas e público em geral.

As imagens ilustram alguns momentos de observação:

A figura 6 apresenta a banca da editora Monstro dos Mares na Feira do Livro Anarquista de Porto Alegre no primeiro dia de evento. Muita gente circulou pelo espaço e o trabalho da editora, iniciado há pouco, começou a ser difundido no meio libertário.

Figura 6 – Feira do Livro Anarquista no Clube de Cultura em 2013



Fonte: Acervo pessoal Monstro dos Mares

A figura 7 representa a banca da editora no segundo dia de evento, que ocorreu ao ar livre, na Travessa dos Venezianos. Como uma das propostas do evento era a de disseminar a cultura libertária e fortalecer seus espaços na cidade, a Feira aconteceu em dois ambientes, no Clube de Cultura, onde ficava a sede da Editora Deriva – atualmente sede da Cooperativa de Costura Apoio Mútuo e do Centro de Cultura e Política Libertária Ateneu Libertário e na Travessa, onde, na época, ficava localizada a sede da Federação Anarquista Gaúcha (FAG). No dia em que o evento foi na rua, houve maior interação de transeuntes, que paravam para conversar e conhecer o trabalho dos livreiros que estavam expondo, essa iniciativa foi uma forma de dialogar com um outro tipo de público. Algumas das pessoas que passavam, no início tímidas, iam aos poucos chegando, conversando, curiosas com a relação (que para a maior parte da população ainda soa estranha) entre anarquia

e livros. Inclusive, uma senhora fez o questionamento para o bibliotecário deste estudo: " – Então quer dizer que anarquia não é só bagunça?", ao qual foi respondida prontamente e convidada a conhecer e interagir mais com seu trabalho.

Figura 7 – Banca da Monstro dos Mares na Travessa dos Venezianos



Fonte: Acervo pessoal Monstro dos Mares

Outra observação livre ocorreu no III Encontro por uma Educação Libertária, evento, em Sapiranga, na chácara Kako de Kuia. O Encontro foi organizado pelo Coletivo Luneta em parceria com envolvidos ligados direta ou indiretamente à causa libertária e intentava compartilhar idéias e ações através de debates, teorias e práticas de educação também libertárias, além da realização de oficinas, apresentações teatrais, música, exposição de trabalhos, venda e troca de livros, brechó, acessórios e afins – a editora fez parte do II BaZART, bazar do evento além de oferecer uma oficina de poesia para crianças.

A figura 8 apresenta a banca da Monstro, compartilhada com outra editora, assim como pessoas presentes no evento conhecendo o trabalho e o seu material exposto.

Figura 8 – Monstro dos Mares no III Encontro por uma Educação Libertária



Fonte: Acervo pessoal Monstro dos Mares

A figura 9 nos mostra a imagem de divulgação por parte da organização do BaZART da presença da editora no evento.

Figura 9 – Imagem de divulgação para o encontro



Fonte: Acervo de BaZART – mercadinho do bem

Após as observações foi realizada a entrevista com o Sujeito “3”, bibliotecário que exerce a função de editor na Monstro dos Mares. Em julho de 2014 a editora

completa um ano de existência e surgiu após uma série de práticas em busca de transformações sociais intensas, inicialmente por meio de tecnologias que acabaram por direcioná-los para o caminho da horizontalidade, autogestão, apropriação e empoderamento social para pessoas, grupos, coletivos, redes e comunidades, que atuam na promoção da autonomia, liberdade, bem comum e direitos universais. Trata-se de uma editora artesanal, anarquista, e começou em Cachoeira do Sul, entretanto, atualmente conta com membros espalhados por Porto Alegre, Santa Maria, Pelotas, Florianópolis, São Paulo, entre outros lugares do Brasil. A proposta é fazer livros e *Zines* encadernados artesanalmente e com baixo custo (para que mais pessoas possam ter acesso – independente de sua situação financeira), algumas encadernações mais elaboradas com capas de papel e tecido, e também no conceito de “editora cartonera”⁶, que utilizam papelão reaproveitado para a publicação, tudo de forma livre e autogestionada.

O Sujeito “3” entrou no projeto já com dois meses de andamento, em meados de agosto de 2013, sendo que a editora possuía publicado apenas o “Leviatan de Papel”, um *Zine* de quatro páginas que circulou durante os protestos de junho do mesmo ano. Após seu ingresso na editora publicaram um manual para ativistas, intitulado “Cultura de Segurança” e escrito por um grupo anarquista canadense, com a tradução feita pelo pessoal da Monstro dos Mares mesmo.

Em seguida, surgiram feiras e eventos, como a Feira do Livro Anarquista de São Paulo e o Colóquio Ciência e Anarquismo no mesmo local. Após, aconteceu a Feira do Livro Anarquista de Porto Alegre, citada anteriormente, além de alguns eventos de *Zines*, quadrinhos e alguns eventos junto com o coletivo Troca Viva. Publicaram então “Violência, Democracia e Black Blocs” e “Jornadas de Junho e Anarquismo”, ambos os artigos de Nildo Avelino. Existem ainda muitos projetos, entretanto, de acordo com o Sujeito, devido a outras tarefas e trabalhos pessoais de cada envolvido ainda não puderam ser executados.

Quando indagado sobre o que motivou a escolha de participar dessa iniciativa, o Sujeito “3” respondeu que:

Porque eu entrei: por ideologia e afinidade. Já tinha trabalhado comercialmente em uma editora antes, gostava do trabalho e queria muito editar coisas nas quais acredito. Então entrei.

⁶ Para saber mais sobre esse tipo de edição: <<http://bsf.org.br/2014/03/18/mercado-editorial-editoras-independentes-fanzines-cartoneras/>>

Sobre os recursos financeiros, de acordo com o respondente, a editora está sempre no vermelho. E ainda:

A ideia é não ter qualquer lucro, apenas tirar o suficiente para cobrir os investimentos pessoais de cada um, e poder fazer outras impressões. Não é uma boa prática, não gerenciamos muito bem a grana e acaba que nunca temos um caixa para tocar novos projetos ou para bancar as viagens para os eventos, mas a proposta é dar mais atenção para isso a partir de agora.

Sobre o seu trabalho realizado na editora, o Sujeito “3” afirma não receber nada e nem querer que isso ocorra. Para se sustentar, atua como bibliotecário em outra instituição, pois na Monstro dos Mares trabalha pelo prazer de tentar construir um modelo de editora baseado na dádiva e não no dinheiro.

As atividades da editora consistem em avaliar os trabalhos que o público manda para publicação, revisar, traduzir, diagramar os textos, fazer a arte nas capas, divulgar e ir a feiras e eventos. O Sujeito “3” virou referência da Monstro dos Mares para o público, uma vez que participa e leva a editora a maior parte dos eventos, entretanto segundo ele, quem realiza grande parte das atividades é outro “marujo” (como se intitulam os que trabalham na editora), responsável também pelas vendas na web. Além disso, possuem uma parceria com a Editora Deriva, de Porto Alegre, que realiza a impressão dos livros e *Zines*. Nesse contexto ele afirma:

Nossa organização é autogestionada, todos fazem tudo, a não ser que não queiram. E, até agora não houve conflitos muito sérios que impedissem alguma publicação...Ahhh tem um! Um livrinho sobre veganismo para crianças que não anda porque não existe um acordo quanto ao conteúdo.

A área de atuação dos “marujos” na editora é bem diversificada, tudo multidisciplinar, uma vez que pessoas da Comunicação, Biblioteconomia, Geografia, Filosofia, Informática, Design etc, realizam as atividades conjuntamente, sem atribuições fechadas, mas com poderes de decisão iguais. A crescente demanda de publicações, convites para feiras e o alcance que a editora vêm obtendo junto ao público demonstra que sua metodologia de trabalho é muito satisfatória com relação ao seu objetivo final: a busca de transformações sociais através de mediação da informação e da leitura, tanto com seus materiais impressos como com suas oficinas ou troca de idéias, uma vez que:

A leitura é um instrumento permanente para a formação intelectual do indivíduo, garantindo sua prática social. Não está associada somente ao processo de ensino-aprendizagem, mas às ideologias que tangem mudanças e transformações sociais, culturais e educacionais permitindo que ocorra uma análise crítica do texto e do contexto. (BARROS, 2005, p. 70)

A seguir, o sujeito foi questionado sobre sua opinião a respeito da Biblioteconomia na sociedade em relação ao seu trabalho na editora artesanal, a qual foi respondida da seguinte forma:

Em relação ao trabalho autônomo que realizo, percebi que nossa formação, por mais incompleta que seja, nos habilita a trabalhar com a informação sob diferentes pontos de vista. O conhecimento das fontes de informação e suas dinâmicas de produção e distribuição nos coloca em vantagem no trabalho editorial. Também, em relação à formação de outras áreas, temos uma noção bastante boa de metodologia de pesquisa e de estrutura textual das diversas comunicações técnico-científicas. Entretanto, é necessário que o bibliotecário crie métodos e ferramentas e desenvolva uma atitude que não é aprendida na graduação.

Percebemos a crítica em relação ao currículo da Universidade, considerado incompleto, mas que ainda assim, possibilita uma boa noção sobre diversos campos da Biblioteconomia. Entretanto, é imprescindível que o profissional busque sempre aprimoramento e novos conhecimentos em relação a velhas práticas, e que se preocupe que a informação circule e não que apenas esteja à disposição dos usuários (SOUTO, 2005).

A última parte do questionário, que diz respeito à importância da atuação do bibliotecário no âmbito social e do profissional liberal foi respondida pelo Sujeito “3” da seguinte forma:

Vejo a atuação do bibliotecário no âmbito social como a de um provocador de perturbações. Por perturbação, entendo toda mudança provocada por novas informações em um sistema. Nosso objetivo é fomentar e facilitar o uso de informações que possam iniciar ou colaborar com processos de produção de conhecimento. O bibliotecário é um agente cultural em qualquer ambiente e precisa se posicionar, política e eticamente em suas atividades.

Percebemos a grande responsabilidade que representa ser um agente cultural que contribui para a formação do usuário. Dessa forma, através da interação informação/bibliotecário/usuário, deve-se sempre visar à autonomia do cidadão. Nesse sentido:

[...] este não recebe passivamente informações, mas é capaz de se apropriar de forma crítica e, ao mesmo tempo, de debatê-las e comunicá-las ativamente. Por sua vez, as informações ao subsidiarem as ações e o agir de forma consciente fundamenta as decisões individuais e coletivas, possibilitando uma transformação social. Assim, os cidadãos estariam melhor qualificados para reivindicar suas demandas e de sua comunidade em relação a educação, saúde, trabalho, moradia, saneamento, meio ambiente, cultura, transporte, segurança. Além disso, possibilita uma conduta reflexiva em relação às atitudes comportamentais, favorecendo posturas responsáveis e éticas frente ao “Outro” e às questões ambientais e planetárias (MORIGI *et al.*, 2012, p. 5).

Com o que foi exposto, compreendemos a importância do profissional da informação no processo de mediação da informação para a efetiva produção de conhecimento e na capacidade de refletir e saber o que fazer com todo o conhecimento adquirido.

9.3 Reckziegel Acervos

O convite para o Sujeito “4” participar do estudo ocorreu por indicação de colegas do Curso de Biblioteconomia da UFRGS, uma vez que a profissional realizou um relato de experiência, no dia 21 de maio de 2013, durante a Semana Acadêmica Integrada da Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia e teve uma ótima repercussão no meio.

A entrevista com “4” ocorreu, no dia 29 de maio, em um café localizado no bairro Cidade Baixa. Não puderam ser realizadas observações, uma vez que a empresa está sem clientes no momento. Acontece que, de acordo com a respondente, o futuro da Reckziegel Acervos é um grande ponto de interrogação, uma vez que esse projeto ainda está em andamento. A empresa existe, desenvolveu alguns projetos, porém necessita ser mais bem elaborada, principalmente com a questão do marketing. No momento, o Sujeito “4” está focado em preparações para Mestrado em Patrimônio Cultural, no Instituto de Artes (IA) da UFRGS ou na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Durante a conversa, “4” explanou sobre o surgimento da empresa e suas experiências anteriores. Falou que a ideia de abrir uma empresa vinha desde os tempos de faculdade e que, o que vivenciou em seus estágios durante esse tempo,

foi o que viabilizou a concretização de seus planos, uma vez que a academia não proporcionou o conhecimento necessário. Existe uma disciplina que trata de conservação e preservação, entretanto possui caráter eletivo. Assim como, não possui nenhuma disciplina que prepare para a participação em editais, com elaboração de projetos ou algo do gênero.

O período acadêmico foi muito intenso, no qual realizou estágios desde o final do primeiro semestre, passando como estagiária pelo Centro de Informações Toxicológicas do Estado, pela Biblioteca da Faculdade de Economia, pela iniciação científica com o professor Valdir Morigi sobre festas comunitárias (que ele estudava em Estrela), pelo Tribunal Regional do Trabalho (TRT) – lugar em que ficou mais tempo e o qual considera sua melhor experiência, uma vez que pôde por em prática sua autonomia na realização de projetos e pesquisas, desde licitações até embasamento teórico sobre higienização, acondicionamento e conservação no todo. Houve, inclusive, uma menção honrosa no Diário Oficial do Tribunal feita por alguns desembargadores em sua saída. Realizou também estágio na biblioteca do Colégio La Salle Dores, além de trabalhos voluntários na Feira do Livro de Porto Alegre e no projeto do escritor de literatura infantil, Hermes Bernardi Junior, conhecido como Tapete de Histórias, realizado na Lomba do Pinheiro.

Além disso, concomitantemente com essas atividades, participou ativamente durante dois anos do Núcleo de Fotografia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), no qual ganhou experiência na arte da fotografia, revelando fotos e fazendo os químicos para revelar. Foi monitora do laboratório, das cadeiras de Comunicação e dos cursos de extensão que ocorriam ali.

Sobre essas experiências, a respondente afirma:

Foi o que me deu muito apoio para a questão de conservação de fotografia. Eu tinha essa parte bem forte de química em fotografia e lá no TRT consegui pesquisar mais acerca de conservação, então encaixei as duas coisas e acabei focando nisso.

A empresa começou a tomar forma logo depois de formada, quando surgiu seu primeiro cliente, o acervo pessoal do sambista, violonista e compositor gaúcho Túlio Piva. O projeto demorou um pouco para acontecer devido à falta de recursos financeiros, visto que a família buscava incentivos públicos para dar cabo ao objetivo

de higienizar, acondicionar, digitalizar o acervo e criar um site todo documentado sobre a vida dele. Essa oportunidade surgiu devido ao tema de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tinha como título “*Betamemória: o blog e a folksonomia como ferramentas de preservação do patrimônio ferroviário*”, no qual fez um blog, digitalizou fotos, e escreveu sobre a vida de um sujeito simples, um ferroviário chamado Paulo e de como sua vida privada se cruzava com a história pública da ferrovia onde trabalhou a vida inteira e que era a sua paixão. A ideia principal era a de usar o blog como uma ferramenta de compartilhamento, com o intuito de que aquilo servisse para que outros ferroviários do Sul do Brasil e também do mundo pudessem olhar as fotos, documentos, colocar tags para que assim, se gerasse mais conhecimento.

A Reckziegel Acervos possui o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) desde 2011, entretanto realizou seu primeiro trabalho no final de 2012, quando a família de Túlio Piva conseguiu recursos próprios para tal, isto é, não governamentais como era a intenção, a princípio. Durante esse tempo de espera, a respondente trabalhou como bibliotecária em uma organização no qual ficou por dois anos. Foi um período de experiência que não considera muito boa, pois a filosofia da empresa (sendo privada e com fins lucrativos) não condizia com seu ideal de biblioteca universitária, também relatou enfrentar dificuldades pessoais que não gostaria de expor na entrevista.

Assim, após seu desligamento da organização decidiu dar continuidade ao seu projeto como uma empresa, uma vez que:

Eu tinha essa ideia de pegar acervos, digitalizar, higienizar, toda essa questão do acondicionamento, de fazer um levantamento físico, do que vai precisar – me agradava, porque sempre foi uma coisa que eu gostei de fazer e sabia que muitos acervos precisavam disso, desse cuidado de ser digitalizado, porque hoje em dia a maioria das coisas têm site e as coisas estão inteiras lá no site.

A Reckziegel Acervos surgiu então como uma alternativa frente à crescente demanda por serviços na área de Gestão Documental, para dinamizar o fluxo de informações e otimizar o gerenciamento de espaços, documentos, bancos de dados, além de valorizar a preservação do acervo. A metodologia de trabalho é denominada “Digitalização Artesanal”, uma vez que utilizam câmeras digitais profissionais para geração de representantes digitais de alta qualidade capazes de gerar derivados

(impressos ou digitais) em grandes formatos. Adotam formatos abertos (*open sources*) porque a bibliotecária entrevistada e idealizadora do projeto acredita que eles permitem melhores condições de acesso e preservação em longo prazo, e uma menor dependência de software e hardware. Além de realizarem a migração dos arquivos matrizes RAW⁷ para o formato *Digital Negative* (DNG). Entregando ao cliente em *Joint Photographic Expert Group* (JPEG) e em DNG, para ser passado para *Tagged Image File Format* (TIFF), se assim preferir.

Sobre essa escolha de metodologia de trabalho a respondente afirma:

É uma política da empresa, digitalizar com câmera fotográfica e entregar o arquivo em JPEG e em DNG que, pode ser passado pra TIFF ou para qualquer formato sem ser uma chave fechada [...] ou seja, daqui a dez anos a pessoa vai conseguir ler ainda em DNG, daqui a vinte, trinta enfim [...] depois é possível imprimir de tamanho maior do que o original e não só tamanho A4, sem perder resolução. [...] isso eu fiz no TCC e continuei pensando que é a melhor forma de preservação digital de documentos, porque me preocupo muito com isso e ninguém está pensando. [...] Daqui a dez anos ninguém vai saber o que acontecia porque ninguém está pensando em preservação digital e produzimos tudo digitalmente agora. Então não sei o que vai acontecer.

Então, o primeiro trabalho foi com o acervo do Túlio Piva, não havendo muita remuneração envolvida, apenas o suficiente para um início. Segundo o Sujeito "4", foram sete meses organizando, higienizando, acondicionando e digitalizando partituras, correspondências – inclusive a carta que ele escreveu aos pais sobre sua decisão de ser músico, uma vez que eles o idealizavam farmacêutico – poesias, letras de músicas, discos de vinil, fotografias pessoais e com famosos, como Lupicínio Rodrigues e Vinícius de Moraes, tudo guardado pela família.

Sobre esse período de imersão no acervo o Sujeito coloca:

Foi lindo! [...] é muito legal isso de tu saber a vida da pessoa, de novo... A mesma coisa do que com seu Paulo, essa coisa da história privada com a história pública sempre presente nos acervos pessoais.

⁷ Não é uma abreviatura, é uma palavra que traduzida para português significa "cru". Este tipo de arquivo contém a informação de imagem (em pixels) inalterada tal como "sai" do sensor da câmera. Fonte: < <http://joseloureirophotography.blogspot.com.br/2010/02/raw-ou-jpeg-qual-o-melhor-formato-de.html>>.

Ao finalizar esse projeto, surgiu o acervo pessoal de uma desembargadora, com fotografias pessoais, correspondências, documentação de sua carreira e sua biblioteca pessoal. E o último trabalho realizado pela empresa foi para o Centro de Indústrias de Couro do Brasil (CICB), com sua sede em Brasília, considerado o maior serviço até o momento, pois foi mais de um ano dedicado a esse projeto. Principalmente, devido a publicação chamada “O Curtume”, que existe desde 1940, e deveria ser toda digitalizada. Para isso, foram contratados dois estagiários da área de História, sendo que o trabalho contribuirá para a criação de um Museu do Couro futuramente, intenção do CICB. Ainda sobre esse trabalho, o Sujeito “4” expressou que apesar de gostar do trabalho, o considerou muito institucional, preferindo e se considerando apegado a coisas pessoais. Entretanto, uma das questões positivas oriundas dele foi a criação de uma mesa digitalizadora, realizada às pressas para atender a demanda do acervo do CICB. E que, após a finalização desse projeto, pôde ser mais bem elaborada juntamente com um amigo arquiteto e se transformou na Maleta Digitalizadora com uma câmera acoplada – buscavam um produto barato, viável e ágil para as bibliotecas e instituições pequenas que precisam digitalizar seu acervo e não podem pagar a biblioteca nacional para fazer serviços de digitalização, assim, poderiam ter um produto que elas mesmas se responsabilizarem por suas demandas.

Estando a mesa em processo de feitura, a respondente acredita que lhe falte empreendedorismo para que se possa bolar um projeto e levar isso a diante. Apesar de compreender o quão facilitador poderia ser para instituições de pequeno porte e com poucos recursos, que seria o seu público-alvo, uma vez que no Brasil, de acordo com suas pesquisas, só existem dois projetos semelhantes. Entretanto, o fato de tudo girar em torno do dinheiro e da incessante busca por recursos a desestimula consideravelmente. Um dos planos para o futuro da empresa é a divulgação e comercialização dessa maleta digitalizadora, mas por enquanto são apenas intenções.

Dando continuidade à entrevista, o Sujeito “4” foi indagado a respeito de sua opinião sobre a Biblioteconomia na sociedade em relação ao seu trabalho e ao que a Reckziegel Acervos oferece como serviços, ao que foi respondido da seguinte forma:

Acho que praticamente não existe, essa área de mercado ainda não está bem estabelecida. Eu vejo muito bibliotecário fazendo

normatização, esse tipo de coisa, mas trabalhar mais com acervos, não vejo. Na verdade eu acredito que uma empresa ideal assim pra trabalhar nesse ramo, ela deveria ter pessoas de diferentes áreas, deveria ter um bibliotecário, um arquivista, um museólogo, mas também da História, dependendo do acervo que for pegar sabe, outras áreas além da especialidade do acervo. Acho que uma empresa forte seria mega multidisciplinar. Se a ideia for criar um site, por exemplo, tem que ter um web design, e, conforme a necessidade do acervo se faz a contratação.

Nesse contexto, Berto (1996) considera a integração e a interação dos bibliotecários com profissionais e disciplinas de outras áreas requisitos fundamentais e necessários para o acompanhamento das modificações tecnológicas, paradigmáticas e instrumentais na área de informação, para que possam se capacitar e se identificar como profissionais de informação inseridos em equipes multidisciplinares. Assim, a respondente considera que sua empresa se encaminha para a multidisciplinaridade, uma vez que trabalha com diferentes tipos de acervos, independente de suas áreas ou suportes, apesar de dar ênfase a fotografias.

Para a finalização da entrevista, o Sujeito "4" foi indagado sobre a importância da atuação do bibliotecário no âmbito social e como profissional liberal:

No âmbito social é muito importante, não preciso nem falar – leitura é tudo! E nós, nesse processo de mediação da leitura junto com o professor na escola primária somos as pessoas mais importantes. [...] Pessoa que não lê, ela não consegue se relacionar, se comunicar, não consegue ir adiante. E como profissional liberal na atuação da minha empresa eu vejo que tem uma consequência social com essa questão de trabalharmos com história, ao menos com essas experiências que eu tive. Um exemplo é o músico Túlio Piva e o quanto ele é importante pro samba. Tudo acaba sempre com a identidade, a história e a memória que formam a identidade da sociedade. Então, se o serviço for parar no site, por exemplo, no dia em que se comemora o aniversário do sambista Túlio Piva, mais importante sambista do Rio Grande do Sul – crianças de qualquer escola podem entrar no site e pesquisar sobre a vida, quem foi, quais as letras, que inclusive tem muita função social, pois também falam da questão do negro entre outras coisas. Mas enfim, tudo acaba sempre na história da identidade da sociedade e eu vejo que o que eu fiz tudo volta para essa sociedade. Não sei de outras empresas que fazem esse trabalho, apenas bibliotecários autônomos que trabalham com conservação e até restauração. Digitalização tem muita empresa que faz, mas todo esse ciclo não.

Os serviços oferecidos pela Reckziegel Acervos nos remete a Souto (2005) quando ele afirma que o perfil dos novos bibliotecários realmente modificou-se, uma

vez que faz parte de nossas atribuições identificar uma “necessidade” e transformá-la em uma oportunidade. O maior desafio agora para a bibliotecária entrevistada é dar continuidade ao trabalho e lidar com as responsabilidades que esse novo perfil exige, assim como a autonomia e a burocracia que acompanha todo esse processo.

O Sujeito “4” finaliza a entrevista afirmando que:

[...]a sociedade no geral está se encaminhando para uma outra visão, com mais ações colaborativas e na verdade eu busco isso, acho que isso – meu modo de pensar nunca foi sozinho, não consigo fazer algo totalmente sozinha, tento sempre buscar outras coisas. Por mais que tenhamos autonomia nessa área, tu nunca vai fazer nada sozinho e nossa sociedade é muito amarrada. Por exemplo, tu tens uma empresa, desenvolve serviços, tem autonomia, MAS, tem um monte de burocracia ligadas ao Estado, a empresa tem que pagar imposto – então é autônomo sim, na hora do dia a dia, na hora de desenvolver a tua prática ao tomar tuas decisões sobre a melhor forma de se trabalhar porém, de resto – como tu vai conseguir teus clientes, aonde vai ser tua sede, nada disso é autônomo. Tudo tem burocracia, teus clientes dependem dos teus contatos, de fazer um plano de marketing legal – e para isso tem que ter contato com mídia, com pessoas, e sempre acaba esbarrando em algum momento em coisas que te prendem.

Entretanto, o profissional da informação segundo Barros (2005): “[...] precisa notar-se como um agente social transformador; ele não pode acomodar-se nas insuficiências econômicas ou nas políticas públicas e não realizar seu trabalho.” Existe a consciência de que não é uma tarefa fácil, e apesar de o desânimo estar presente em cada obstáculo, não se deve desistir, uma vez que um trabalho inovador e visivelmente ativo no processo de fluxo da informação, mesmo que de áreas específicas, é transformador na construção de indivíduos pensantes e críticos.

9.4 Contação de Histórias

O convite para o sujeito “5” participar deste estudo aconteceu por indicação de professores da UFRGS, uma vez que se buscavam bibliotecários contadores de história e, devido ao seu reconhecido trabalho neste ramo, além do seu trabalho como escritora de literatura infantil, e a realização de diversas atividades de destaque nessa área. A entrevista semi-estruturada ocorreu, no dia 28 de maio, na casa da respondente. Não puderam ser realizadas observações, uma vez que,

ultimamente “5” considera-se mais acomodado e suas poucas sessões de bate-papo e contação de histórias acontecem mais em cidades do interior.

Aposentada há 16 anos, a respondente começou a entrevista conversando e contando um pouco de como surgiu a ideia de cursar Biblioteconomia, e todas as suas experiências na área. Iniciou afirmando que sua vida sempre foi de muita dificuldade em termos da profissão escolhida – uma vez que era formada, trabalhava como bibliotecária, mas, o concurso pelo qual era contratada era o de professora. Fez um concurso para o Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (DAER) na área de Informática, passou para realizar a tarefa de microfilmar documentos, entretanto, como era uma área nova na época e eles não tinham condições financeiras para viabilizá-la, a bibliotecária da Instituição fez o convite para o trabalho na Biblioteca. Segundo ela, foi quando se apaixonou pela Biblioteconomia, prestou vestibular e passou na primeira tentativa.

Como era formada em Magistério, fez concurso para o Estado e passou, trocou o DAER por uma escola na Lomba do Pinheiro porque o retorno financeiro era maior. Um dia, na Faculdade, uma professora comentou que estavam reformando a Biblioteca Pública do Estado (BPE), e como naquela época professores podiam ser cedidos para outras áreas, foi trabalhar na BPE. Eram muitos os livros para serem cuidados, porém foi um período de fonte de conhecimento inenarrável, segunda ela. Sobre isso ela afirma:

Na época nós éramos vários na BPE, era um tempo de ouro. Tinha eu acho que umas 18 bibliotecárias formadas e nós, estudantes, éramos uns seis ou sete.

Logo depois surgiu um projeto chamado “Mutirão”, que era uma Kombi adaptada para ser um carro-biblioteca. Percorriam a Ilha da Pintada, a Ilha dos Marinheiros, a Vila Ipê, a Vila Safira todas as semanas, além de asilos, hospitais, hospitais psiquiátricos e presídios. A equipe era formada pelo Sujeito “5” como coordenador, duas bibliotecárias formadas e estudantes de diversas áreas: Odontologia, Biblioteconomia, Educação Física, Medicina, Enfermagem. Sobre esse período ela afirma:

[...] isso era uma coisa linda que devia ser feito de novo hoje em dia. Tínhamos um projeto muito legal que fizemos também e que na época chamei de tecnologia da escassez e funcionaria muito bem

hoje de novo com a história de reciclagem e tudo mais. Isso tudo 30 anos atrás – tínhamos que arar o bruto. Nesse projeto recolhíamos meias de nylon e ensinávamos as mulheres a tecer as meias e fazer edredons. Enfim, tudo o que pudéssemos fazer e ocupar as mulheres com poucos recursos e a baixo custo.

Foi nesse período em que começaram os contatos com escritores renomados como Moacir Sclyar, Carlos Urbim e muitos outros que o carro-biblioteca levava às comunidades carentes para bate-papo com as crianças e contações de histórias.

O Sujeito “5” coloca que:

[...] carro biblioteca emprestava o livro numa semana e na semana seguinte ia trocar. A gente via as carências, no entanto, estávamos focados apenas na carência intelectual, mas eles possuíam muitas carências. Muitas coisas que a gente não conseguia detectar porque éramos muito jovens e não víamos a vida no todo, só víamos aquele lado. E foi assim, com muitas peripécias e muito aprendizado que o trabalho nas vilas durou muito tempo, tivemos o apoio da Faculdade, mais ou menos com um trabalho em conjunto com o Projeto do Carro Biblioteca que já funcionava ali.

Quando questionada se foi nesse período em que começou a contar histórias, a respondente afirma que não. Nesse período os escritores iam, levavam seus livros, contavam histórias e ela foi se familiarizando com todo o processo. Mas o início como contadora se deu em sala de aula, enquanto professora. Já que se considerava uma professora diferente e lembra da vez em que levou seus alunos da Lomba do Pinheiro para conhecer o Theatro São Pedro, em uma época que o teatro era extremamente elitizado.

Foi no período em que trabalhou no setor de extensão da BPE em que começou a dar palestras sobre bibliotecas em várias cidades do interior. E como era concursada como professora, mas cedida para a cultura, volta e meia – em trocas de governo – acabava por ter de voltar para alguma escola, mas sempre dentro da biblioteca. E foi em um desses períodos enquanto trabalhava em uma escola, surgiu o convite para a direção da Biblioteca Infanto-Juvenil Lucília Minssen. Descreve como uma experiência fantástica e coloca que:

Quando eu recebi o convite me deu uma coisa! A Ivete que foi minha professora tinha sido Diretora da Lucília Minssen durante muitos anos e eu ia pegar a biblioteca que ela tinha dirigido. As nossas professoras eram os ídolos da época e realmente a Biblioteconomia

da época não era essa moleza que vocês têm hoje, era muito difícil, as professoras eram duronas e não tínhamos a tecnologia que temos hoje. Cada vez que tínhamos que desdobrar uma ficha a mão, tudo datilografado, as tabelas eram todas em inglês – tinha que aprender na marra.

Considera seu tempo de diretora da biblioteca uma época áurea, inclusive, devido ao Seminário de Literatura, que realizava com o apoio da UFRGS, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), da Faculdade Porto-Alegrense (FAPA), do Instituto Estadual do Livro (IEL) e da BPE. Eram seminários para 300 professores com a presença de escritores como Ana Maria Machado e Ruth Rocha. Isso seguiu até que o governo Collares assumiu e ela teve que voltar para a escola mais uma vez.

Trabalhava em bibliotecas de escolas do município pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) quando passou no concurso do Estado para Bibliotecários Escolares e como faltavam dois anos para a aposentadoria, resolveu trabalhar em uma biblioteca escolar próxima a sua residência – na Escola Estadual de Educação Básica Apele Porto Alegre na qual ficou até a aposentadoria, aos 48 anos. Aposentou-se porque considerava muito trabalho, muita correria e pouco retorno. Todavia, não conseguiu ficar parada em casa nem um mês.

Começou a realizar trabalhos autônomos de consultoria em Bibliotecas Universitárias e Escolares espalhadas no interior do Estado, por exemplo, Camaquã e Santo Antonio da Patrulha. Ofertou cursos de extensão em Narração de Histórias na FAPA, na Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior do Vale do Sinos (FEEVALE) e na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), além de abrir uma loja chamada “Biblioshopp”, que consistia em vender material didático-pedagógico para contação de histórias. Mas não era o suficiente, como ela afirma a seguir:

Quando me aposentei me perguntei: o que vou fazer da vida? Vou ser escritora! – resolvi. Já fazia prefácio de alguns livros, já tinha escrito artigos para revistas, mas nunca tinha me ensaiado como escritora. Então comecei a escrever – o primeiro livro foi para professores com técnicas de narrações de histórias.

Quando questionada sobre a motivação, obtivemos a seguinte resposta:

Meu trabalho sempre foi baseado no fazer a pessoa ler, seja jovem, criança, professor, um trabalho baseado na leitura. Todo o meu caminho é o caminho da Biblioteconomia. Em toda a biblioteca que

eu chego se não tem um espaço da literatura infantil, eu crio. Quando eu comecei a contar histórias, os próprios colegas falavam: fazer Biblioteconomia para contar histórias – parecia uma coisa de menos. E hoje os mesmos que faziam caras feias estão contando histórias em tudo que é lugar. Queremos colocar uma sementinha e ver que ela germina, ninguém vai ficar com a coisa fechada. Bom seria que todas as bibliotecas funcionassem, que todas as escolas tivessem bibliotecas, que todo professor fosse capaz de fazer uma bela narração de histórias.

Atualmente, não consegue realizar grandes contações ou oficinas devido a problemas na garganta, mas sua produção já conta com oito livros publicados pela Paulinas, editora com a qual possui contrato – mas sem pressões ou prazos pré-estabelecidos. São eles: A hora do conto: da fantasia ao prazer de ler (1995), Tudo por um pacote de amendoim (1998), As aventuras de Joãozinho (2001), A mochila da Camila (2003), O segredo da mochila (2008), Contação de Histórias: dinâmicas para gostar de ler (2010), O papo do sapo (2012) e Menino de estimação (2014). Em seus livros sempre procura abordar situações simples da vida ou do nosso folclore.

Atualmente, realiza trabalho de Bibliotecária em apenas um lugar e de forma voluntária, no Grupo Espírita Francisco Xavier. Além disso, oferece cursos de contações de histórias nesse espaço – além de coordenar um grupo de 16 contadores voluntários, que se revezam aos domingos pela manhã em sessões gratuitas ao público infantil na sede do Grupo Espírita mesmo. Possuem um catálogo com aproximadamente 30 histórias armazenadas e confeccionadas cuidadosamente para que sejam usadas muitas vezes – todas cadastradas por assunto.

Sobre as atividades que realiza:

Agora o que faço: só vou onde me chamam e me pagam. Trabalho como voluntária no Grupo Espírita e vez por outra numa escola do Estado que não tem condições de me pagar. Na Faculdade sempre que me chamam, porque tenho uma dívida moral com ela – uma vez que não tinha dinheiro para fazer curso superior.

Foi homenageada por duas escolas no interior, as quais deram o seu nome para a Biblioteca da Instituição, uma em Lindolfo Collor e a outra em Ivoti. Não se considera uma escritora ou contadora de histórias muito conhecida, acredita que seu nome ainda é muito ligado à Biblioteconomia, pois sempre foi a bandeira que levantou.

Continuando a entrevista, o sujeito “5” foi indagado a respeito da opinião sobre a Biblioteconomia na sociedade em relação ao seu trabalho, e foi respondido da seguinte forma:

Muito importante. Mas eu também só acho válida a contação de histórias se for pra levar a criança ao livro. É para ser um entretenimento, mas o objetivo principal do bibliotecário enquanto contador de histórias é mostrar para as crianças o que elas vão encontrar nos livros – pra que elas saibam disso. É muito importante tu dizer o autor, o ilustrador, dizer para procurarem na biblioteca pública, da escola ou onde for. Alguns pensam que a Biblioteconomia vai acabar. Penso que não, vai só se modificar. E penso também que sempre precisaremos do bibliotecário, sempre precisaremos dessa criatura que é o intermediário entre o leitor e a leitura! Hoje mais do que nunca todos os meios de comunicação que surgiram, vieram para auxiliar, mas não substituir o bibliotecário – ele ainda é uma peça imprescindível. Claro que tem exceções – tem lugares que tem bibliotecário, mas parece que não tem, mas percebemos nessas andanças por aí afora a diferença que é onde tem o bibliotecário e onde não tem. Mas me sinto privilegiada por ser professora, bibliotecária e escritora. Porque amo o trabalho que faço, e por pouco que seja acho que é uma sementinha, e como toda semente vai germinando. Como eu fiz em toda a minha carreira de bibliotecária. O que não pode passar é nossa vontade de plantar, de colocar, de fazer com que o livro entre na vida das pessoas. Nós somos nuvens passageiras.

Nesse contexto, Souto (2005, p. 50) afirma que: “[...] a ideia de extinção da profissão bibliotecária já não tem mais fundamento, o que se pode entender e consecutivamente defender é que haja uma reformulação/atualização constante dos princípios, técnicas e habilidades que a regem [...]”. Desse modo, acreditamos que a mudança que se mostra necessária, a reformulação no perfil ideal do profissional bibliotecário tem raízes sociais e que, os mesmos, como agentes sociais não podem omitir-se ou negligenciar as necessidades tão visíveis em nosso ambiente profissional.

Enfim, para que pudéssemos concluir a entrevista foi abordada a questão da atuação do bibliotecário no âmbito social e do profissional liberal, e que foi respondida pelo sujeito “5” da seguinte forma:

Percebo o papel fundamental da biblioteca e vejo com muita alegria novas iniciativas, como bibliotecas em ônibus, na rua, em espaços que antes ninguém nem pensava. Então essa democratização da leitura e do livro pra mim tá sendo fantástico porque sempre tivemos o problema com as bibliotecas, eu acho que vem na minha cabeça que quem tem o conhecimento tem o poder. Então pra que eu vou dar o conhecimento para o povo. Porque vou abrir as bibliotecas.

Porque vou deixar o povo saber do conhecimento, porque daí ele vai reivindicar e vai incomodar - vai saber os seus direitos. Então estamos vivendo uma época muito importante nesse sentido – as bibliotecas estão se democratizando, estão se abrindo bibliotecas, mas ainda muito inativas, as pessoas que estão atuando não chamam pessoas lá pra dentro. Tanto que pessoas de outras áreas estão se apropriando e fazendo um trabalho que poderia ser do bibliotecário – porque onde um profissional não atua como deve – atuam os outros. Mas pelo menos agora tem bibliotecas por aí – mas é uma luta.

Com tudo o que foi exposto, retomamos a questão da responsabilidade do bibliotecário em formar cidadãos pensantes e questionadores. Morigi (2012, p. 11) nos apresenta que:

Exercer politicamente a cidadania garantiria aos cidadãos uma diminuição das desigualdades sociais existentes entre aqueles situados no nível abaixo da linha de pobreza e aqueles plenamente satisfeitos com sua condição abastada de vida.

O sujeito “5” finaliza a entrevista afirmando: “Tu tem que mudar as coisas através do teu trabalho, do teu pensamento do teu jeito de ser.” Dessa forma, a Biblioteconomia e os seus profissionais comprometidos assumiriam perante a sociedade a responsabilidade frente a sua função de mediação da informação e da leitura para uma efetiva mudança social. É necessário que o bibliotecário reflita sobre o seu verdadeiro papel na sociedade e a responsabilidade que isso acarreta, definindo novos caminhos e tornando-se enfim um mediador do conhecimento.

10 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da reflexão sobre o papel do profissional bibliotecário enquanto mediador da leitura e da informação, entendemos a prática bibliotecária como uma forma de capacitar o cidadão, gerando o conhecimento necessário para uma efetiva transformação social. As práticas de mediação vão muito além do estudado em sala de aula durante a Graduação, seguem um rumo que, inevitavelmente, precisaremos unir nossas buscas pela universalização do acesso à informação às novas práticas de competência informacional e assim, construiremos um novo viés do que é ser bibliotecário.

Essa pesquisa realizou uma análise de quatro iniciativas autônomas idealizadas e/ou organizadas por bibliotecários, com um pequeno perfil de cada, buscando definir como ocorre a atuação desses profissionais enquanto mediadores de informação e de leitura ao público.

Em tempos em que muitas vezes coisas são mais importantes do que pessoas, é um desafio para um profissional que busca produzir mudanças no meio social conseguir efetivá-las de uma hora para outra. Entretanto, com pequenas ações individuais e principalmente coletivas – pode ser o início para a emancipação humana, que será realizada aos poucos – quando os cidadãos tiverem conhecimento e consciência de seus direitos plenos e souberem o que fazer com eles.

As entrevistas e observações realizadas com os sujeitos desse estudo foram muito importantes e positivas para que se conheçam novas possibilidades na Biblioteconomia, um mapeamento usado como uma forma de saber que ela não ocorre somente dentro das bibliotecas e instituições, para que se crie uma nova visão do papel do bibliotecário, uma que vá além da parte técnica apenas. Durante as entrevistas chamou a atenção o fato de que independente do tempo de formados ou do que realizam no momento, todos os sujeitos possuíam um perfil pró-ativo desde os tempos de Faculdade. Sempre envolvidos em muitas atividades e buscando algo além do que a academia oferecia. Esse perfil, que já faz parte de suas personalidades, talvez seja o que os levou a procurar outra forma de fazer Biblioteconomia.

Percebeu-se também que em suas oportunidades de estágio ao longo da Faculdade, os sujeitos puderam exercer sua autonomia, o que fez com adquirissem segurança na realização de atividades e na tomada de decisões, levando-os a sempre buscar mais, como se só pudessem se sentir livres, se proporcionassem a liberdade para outras pessoas. Aqui se mostra a importância de uma gestão horizontal, com a descentralização do poder de planejar, decidir e agir e que favoreça as ações em conjunto visando sempre a autonomia do indivíduo.

Quanto aos programas de graduação de Biblioteconomia, sugere-se uma revisão curricular visando à ampliação de disciplinas de cunho social e político, uma vez que se continuarmos com disciplinas cada vez mais técnicas, será cada vez menor a inserção social de bibliotecários em relação a uma postura ativa de mudança social.

Assim, tendo em vista o trabalho de mediador do bibliotecário, tanto da informação como da leitura, uma vez que elas estão interligadas, essas considerações devem sair do plano das idéias e partir para a prática efetiva, transformando-os em mediadores do conhecimento. Deve-se correr atrás da concretização da inserção do indivíduo na sociedade como um todo, seja através de práticas coletivas em bibliotecas ou instituições, ou, como apresentados nesse trabalho, de forma individual e em ambientes considerados fora do contexto biblioteconômico, como as ruas, por exemplo. Mas que no fim, se possa encontrar resposta para a questão: para quem serve o teu conhecimento?

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação. **Glossário da Sociedade da Informação**. Lisboa, 2011. 179 p. Disponível em: <<http://www.apdsi.pt/uploads/news/id432/gloss%C3%A1rio%20da%20si%20-%20vers%C3%A3o%202011.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2014.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco. Mediação da Informação e Múltiplas Linguagens. **Pesq. Bras. Ci. Inf.**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan. /dez. 2009. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewFile/17/39>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco. Leitura, Mediação e Apropriação da Informação. *In*: SANTOS, Jussara Pereira (org.). **A Leitura como Prática Pedagógica na Formação do Profissional da Informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco. **Mediação da informação**: alguns aspectos. 2006. 19 slides. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/Home/Graduacao/PETBiblioteconomia/palestras/osvaldo.pdf>>. Acesso em: 23 de jun. 2013.

ARRUDA, Maria da Conceição Calmon; MARTELETO, Regina Maria; SOUZA, Donaldo Bello de. Educação, trabalho e o delineamento de novos perfis profissionais: o bibliotecário em questão. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 29, n. 3, p. 14-24, set. /dez. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n3/a02v29n3.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

BARROS, Flávia Roberta dos Santos de Barros. Bibliotecário e o compromisso social: quais as possibilidades para a realização desse encontro? *In*: SOUTO, Leonardo Fernandes (Org.). **O profissional da informação em tempo de mudanças**. Campinas: Alínea, 2005. p. 69-82.

BARROS, Maria Helena Toledo Costa de. A mediação da leitura na biblioteca. *In*: BARROS, Maria Helena Toledo Costa de; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. **Leitura**: mediação e mediador. São Paulo: Fa Editora, 2006.

BERTO, Rosa Maria Villares de Souza. Carreira do futuro ou o futuro da carreira. **Transinformação**, Campinas, v. 8, n. 1, p. 144-157, jan. /abr. 1996. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1624/1596>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

CAMPELLO, Bernadete; ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves. Competência informacional e formação do bibliotecário. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2., p. 178-193, jul. /dez. 2005. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/2/150>>. Acesso em: 22 mai. 2014.

CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19021.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan. /abr. 2007. Disponível em <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/54/47>>. Acesso em 23 mai. 2014.

CAREGNATO, Sônia Elisa. O Desenvolvimento de Habilidades Informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, jan. /dez. 2000. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/11663/1/artigoRBC.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2014.

DUDZIAK, Elizabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, Brasil, 32, mai. 2003. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/123/104>>. Acesso em: 24 mai. 2014.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Leitura, Via de Acesso ao Conhecimento: algumas reflexões. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A Leitura como Prática Pedagógica na Formação do Profissional da Informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.

ESTABEL, Lizandra Brasil; MORO, Eliane Lourdes da Silva. A Leitura e seus Mediadores como Inclusão Social de PNEEs com Limitação Visual. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 4., 2005, São Leopoldo. [Anais...]. São Leopoldo, 2005. [CD-ROM]

FADEL, Bárbara *et al.* Gestão, Mediação e Uso da Informação. In: VALENTIM, Marta (Org.). **Gestão, Mediação e Uso da Informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

FRANCISCO, Anelise Ramos. **O papel social do bibliotecário na construção da cidadania em comunidades carentes**. 2007. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/67780>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo : Atlas, 2009.

LE COADIC, Yves-Françoise. **A ciência da Informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Primeiros passos; 74).

MOLON, Susana Inês. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. 2. ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 2003.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 269-279.

MORIGI, Valdir Jose *et al.* Competência Informacional e Cidadania no contexto Brasileiro: o bibliotecário como agente mediador. *In*: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (13. : 2012 out.: Rio de Janeiro). **Anais...** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2012. 1 CD-ROM.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Mediadores de leitura na família, na escola, na biblioteca, na bibliodiversidade. *In*: NEVES, Iara Conceição Bitencourt; MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil (Org.). **Mediadores de leitura na bibliodiversidade**. Porto Alegre : Evangraf, 2012.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt. A Leitura como Prática Pedagógica na Formação do Profissional da Informação. *In*: SANTOS, Jussara Pereira (org.). **A Leitura como Prática Pedagógica na Formação do Profissional da Informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lidia Eugenia. A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em Biblioteca Pública. **Encontros Bibli**, v. 18, n. 36, p. 157-180, jan. /abr., 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p157>>. Acesso em: 24 mai. 2014.

SOUTO, Leonardo Fernandes. Biblioteconomia em reflexão: cenários, práticas e perspectivas. *In*: SOUTO, Leonardo Fernandes (Org.). **O profissional da informação em tempo de mudanças**. Campinas: Alínea, 2005. p. 29-53

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados Pessoais	
Identificação	Nome, faixa etária, gênero, cidade onde reside
Fomação	
Dados graduação	Especificar em que Universidade concluiu a graduação, tempo de formado em Biblioteconomia
Outras graduações	Especificar
Pós-graduação	Especificar se Especialização, Mestrado ou Doutorado e em que área
Atuação Profissional	
Informações gerais sobre a ação autônoma	Nome, do que se trata, histórico, como surgiu
Tempo de atuação como Bibliotecário mediador nessa área e nessa atividade específica	Especificar
O que motivou essa escolha	Especificar
Ações de mediação de informação e leitura	Quais ações são desenvolvidas no âmbito da mediação da informação e da leitura? Como se dá esse processo?

Recursos Financeiros e Manutenção

Recursos financeiros e custeio	Participa de Editais ou recebe recursos financeiros de organizações ou outros órgãos públicos ou privados? Como se mantém?
Gestão de Pessoal	Possui outros profissionais que atuam nas atividades desenvolvidas? Quem? Quais são as suas atribuições?

Biblioteconomia e sociedade

Marketing em Biblioteconomia	Qual a sua opinião sobre a Biblioteconomia na sociedade em relação ao seu trabalho?
Bibliotecário	Qual a importância da atuação do bibliotecário no âmbito social e do profissional liberal?

Adaptado de: Rêgo e Aguiar (2006); Spindola (2011).

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que visa atender a exigência das Diretrizes e Normas Regulamentadoras da Pesquisa envolvendo Seres Humanos (Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde), ora vigentes no Brasil e, adequado às Diretrizes Internacionais do CIOMS (1993) e às Diretrizes Consensuais Tripartites para a Boa Prática Clínica (1997), informo que concordo em participar da entrevista ao qual fui convidado(a), declaro ter recebido e compreendido as informações constantes neste documento.

Eu, _____ abaixo assinado, declaro ter lido e compreendido todas as informações relativas a minha participação e aceito que os dados coletados permaneçam como propriedade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da autoria da acadêmica Karen Machado Rodrigues, Brasileira, Estudante de Biblioteconomia da UFRGS, RG 2075473393, em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sob orientação da Profª Dra. Eliane Lourdes da Silva Moro – CRB 10/881.

Porto Alegre, _____ de junho de 2014.

Nome do Sujeito participante:

Idade:

Nº da Carteira de Identidade:

Assinatura: _____

Endereço para contato: DCI/FABICO/UFRGS

Rua: Ramiro Barcelos, 2705 – Bairro Santana – Porto Alegre-RS

Tel: (51) 3308 5138